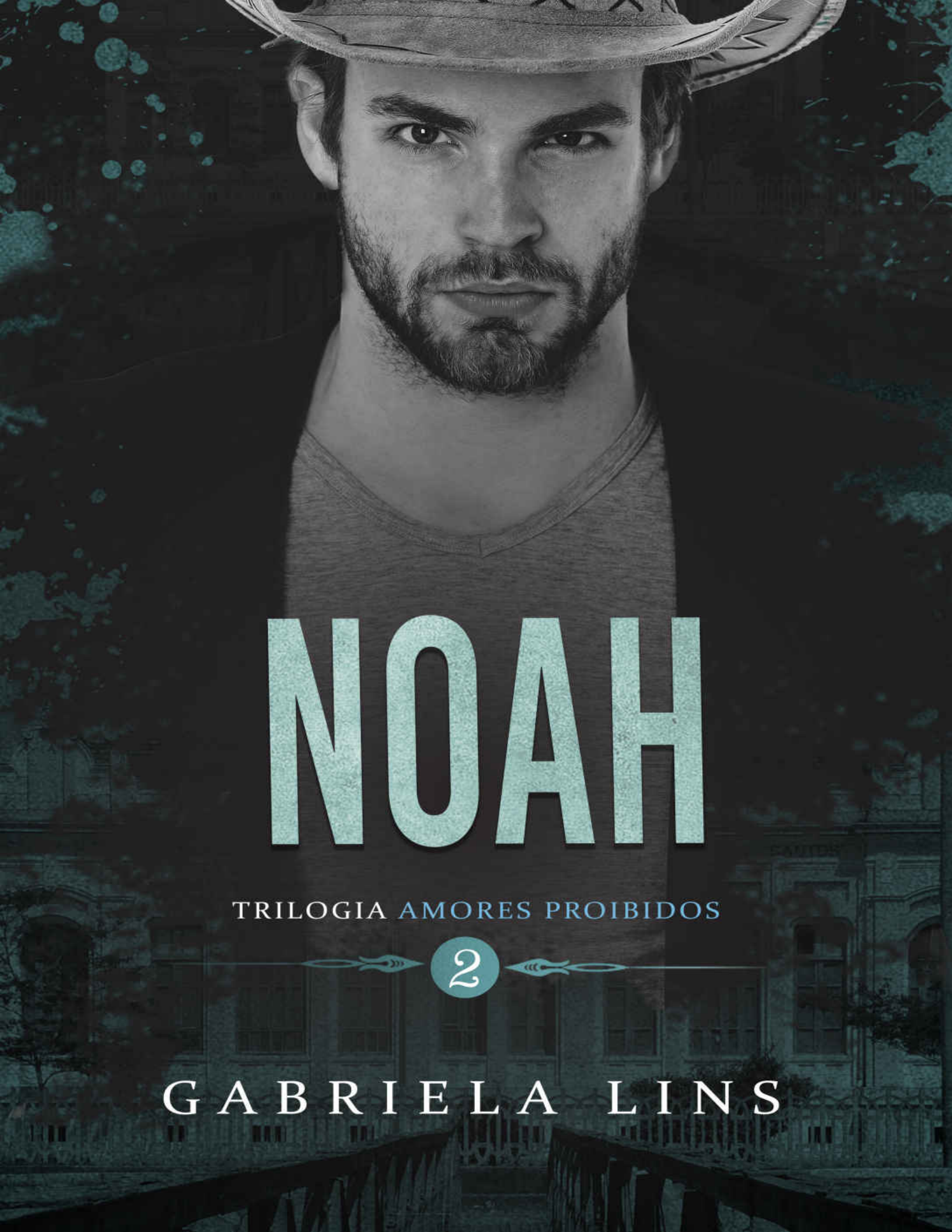




NOAH

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS

2

GABRIELA LINS



NOAH

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS



GABRIELA LINS

NOAH

TRILOGIA AMORES PROIBIDOS | LIVRO 2

Copyright © 2021 Gabriela Lins

Capa: Mari Capista

Revisão: Angélica Podda

Diagramação Digital: Lover Diagramação

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

PRÓXIMO LIVRO

*Para todos que acreditam que em meio ao caos pode haver esperança, e
que nem sempre a vingança ou a raiva podem prevalecer.*

PRÓLOGO



GABRIELA CASTRO

Sinto o seu pau entrar na minha boceta com vontade. Empino ainda mais minha bunda para ele, mas me surpreendo quando me pega no colo, me vira para ficar de frente e me encosta na parede; sua boca vai de encontro com meu seio direito e depois o esquerdo, sem perder o ritmo das investidas na minha vagina.

Nesse momento não estou me importando de estar em um quarto de hotel, com vários hóspedes e funcionários ouvindo meus gritos de prazer há mais de três horas sem parar; tudo que quero neste momento é gozar no pau desse homem gostoso.

Mas parece que tudo conspira para que eu não goze mais. Meu celular começa a tocar de novo e cogito a ideia de ignorá-lo novamente, mas para insistirem tanto assim é que algo importante deve estar acontecendo.

— Desculpe, benzinho, mas vou ter que atender. — Saio de seu colo e ele me olha frustrado.

— Estava quase lá, gata. — Me abraça por trás.

— Eu sei, mas infelizmente estão nos interrompendo. — Pego meu celular e um número que nunca vi na minha vida aparece na

tela; estranhando, eu atendo.

— Gabriela falando.

— Gabriela Castro?

— É ela mesmo, com quem falo?

— Me chamo Albert, sou advogado e tabelião do senhor Bernardo de Lins; tem um minuto para conversamos? — Advogado? E quem é esse tal Bernardo?

— Claro, sou toda ouvidos.

— Sei que para você nesse momento deve estar sendo muito confuso eu ligar e falar algumas coisas sem explicar.

— Digamos que sim.

— Então, o senhor De Lins deixou um testamento e uma carta dirigida a você.

— Testamento? Carta? Seja um pouco mais claro, pois eu não sei do que e de quem está falando.

— Você foi adotada aos cinco anos em um orfanato no Rio de Janeiro pela família Castro, na qual o senhor Cristiano Castro veio a falecer há dez anos e a senhora Brenda Castro, uma mulher que teve somente um filho homem, vive com você e com seu irmão chamado Henrique, certo? — Arregalo meus olhos.

— Como você sabe disso tudo? Quem é você?

— Já disse quem eu sou, e estou falando tudo isso para ter certeza de que é você mesma que procuro.

— E por que me procura?

— Você é filha e única herdeira de todas as propriedades e bens de Bernardo de Lins. Preciso encontrá-la para formalizar tudo e lhe apresentar a fazenda em Minas Gerais, de onde vem todo o sustento dos De Lins.

NOAH MONTEIRO

— O velho Bernardo De Lins faleceu ontem, agora aquela fazenda vai ser mais fácil para comprarmos, ele não tem filhos ou esposa. Todos estão mortos. — Suzane comenta enquanto toma o seu café.

— Eu já disse que não quero nada de lá, por mim aquela fazenda pode definhir —murmuro.

— Querido, mas aquele velho nojento roubou da sua família essa parte das terras, a plantação de café era para ser sua. — Dou um soco na mesa e ela se assusta.

— Suzane, eu já estou de saco cheio de você se meter em assuntos que não são seus! Em primeiro lugar, essa parte da fazenda ele comprou do meu pai quando estava quase falido, foi com esse dinheiro que a fazenda Monteiro se ergueu e hoje somos gigantes no transporte de gado e boas colheitas de trigo. — Posso ver a raiva em seu olhar.

— Você já foi mais carinhoso comigo. — Começo a rir.

— Em primeiro lugar, esse casamento que vivemos é uma merda e, se me casei com você foi por pura pressão sua e de nossa família. Casou comigo sabendo o que te esperava e, se eu sou

obrigado a viver infeliz, você também vai, maldita! — Ela me fuzila com seus olhos azuis.

— Sabe que casamos para juntar duas das mais influentes famílias de Minas Gerais. E eu não sei se lembra, mas você só tem tanto dinheiro assim porque a fábrica Mendes, que é da minha família e a melhor do Estado, compra com você. Se não fosse isso, não teria os luxos que tanto gosta, peão. — Pego sua mão antes que ela encoste em meu rosto. — A verdade dói, não é? Ainda mais sabendo que o nosso casamento salvou a sua fazenda de ir para as mãos da minha família, tudo por culpa do viciado do seu pai. — Me levanto da mesa, enjoado de toda essa conversa. — Você é uma vagabunda. — Ela ri.

— E você é meu, Noah Monteiro.

CAPÍTULO 01



GABRIELA CASTRO

Vejo minha mãe andar de um lado para o outro e Henrique ainda em estado de choque diante do que acabei de revelar. Jamais, em toda a minha vida, achei que encontraria meus pais verdadeiros, e também não me importava, já que eles me abandonaram; era sinal de que não me queriam. Os Castros se tornaram tudo em minha vida e sempre serão a minha única família.

— Ele ligou em uma hora sagrada — murmura meu irmão.

Ele sabe que sempre fui uma pessoa bem resolvida sexualmente; por mais que nunca tenha arrumado um namorado de verdade, aproveito bem minha vida de solteira. O homem que estava comigo era um colega de trabalho, havíamos saído para beber e passamos a noite juntos. Ivan ficou bem chateado quando me viu me arrumar com pressa, alegando que precisava resolver algo, mas disse que depois ligava para dar uma explicação sobre minha saída tão repentina.

— Gabi, tem certeza que esse advogado não errou? — questiona a minha mãe.

— Não, ele foi bem claro sobre tudo e até falou sobre vocês e que fui adotada aqui no Rio.

— Como esse Bernardo De Lins sabia onde estava? Por que não te procurou quando estava vivo? — indaga meu irmão.

— Deveria ser um covarde — murmuro.

— Querida, não diga isso, ao menos ele lembrou de você no seu último suspiro — começo a rir.

— Nenhum dinheiro do mundo vai me comprar, não interessa o quanto ele me deixou. Quero que a fortuna e a fazenda dele vão pra puta que pariu!

— Olhe a boca! — Brenda me repreende.

— Eu acho que deveria ir e pegar o que é seu por direito. Com o dinheiro que ele deixou, vai poder fazer as coisas que tanto quer. Você queria abrir sua própria escola, lembra? Pensa que pode ajudar muita gente. — Por alguns segundos Henrique me fez pensar sobre isso.

— Essa fazenda é famosa no ramo do café, distribui não só pelo país, mas para fora também. A fortuna deve ser enorme — diz Brenda.

— Mas, pelo que entendi, eu teria que morar lá, era uma das condições do testamento. — Não quero sair do Rio, eu cresci aqui, tenho meus amigos, meu trabalho com as crianças, tudo aqui.

— Às vezes, para realizarmos sonhos, mudanças devem ser feitas. — Minha mãe recita a famosa frase do meu pai.

— Isso é golpe sujo. — Henrique acusa e ela apenas ri.

— Podemos ir com você, ficamos lá um período e vemos como vai ser, se não nos adaptarmos, encontramos alguma forma de vender

tudo e voltar para o Rio. — Olho surpresa para ela.

— Estariam dispostos a ir comigo? — O olhar castanho da minha mãe brilha e um sorriso enorme se forma.

— Somos sua família e vamos te apoiar em tudo.

— Bom, como a empresa em que eu trabalhava faliu, um novo lugar pode ser bom. — Henrique trabalhava como contador em uma rede de hotéis que faliu há pouco mais de dois meses; minha mãe, pela idade, não foi mais chamada para trabalhar com faxinas e nos sustentamos com o meu trabalho de professora de ensino fundamental e da pensão que meu pai deixou, que não é tanto assim, mas gosto da minha vida daqui, da simplicidade e agitação da cidade grande.

— Vamos ter que morar no interior, na cidade de Ouro Preto. Já dei uma pesquisada, fica a nove quilômetros de Belo Horizonte e, pelo que vi, é uma cidade estilo colonial.

— Acho esses tipos de cidades bem bonitas, é um local histórico — murmura minha mãe.

— E quando o advogado disse que deve ir? — pergunta meu irmão.

— Amanhã, mas vou ligar para ele agora, confirmando nossa ida.
— Pego meu celular e retorno a ligação de mais cedo.

— *Alô? Senhorita Castro?*

— *Senhor Albert? Oi, sou eu sim. Liguei para informar que eu, minha mãe e meu irmão vamos a Ouro Preto resolver essas questões, fora que tenho muitas perguntas a fazer.*

— Claro, um jatinho particular vai buscá-los no aeroporto Santos Dumont às nove horas da manhã, em ponto. — Arregalo meus olhos.

— Jati...nho particular? — ameaço gaguejar.

— Como eu disse na ligação mais cedo, a fortuna de Bernardo De Lins é enorme e não é só essa fazenda, existem também diversas propriedades espalhadas pelo Brasil e fora do país.

— Ainda é difícil acreditar nisso — comento.

— Quando chegar aqui sanarei todas as suas dúvidas. Até amanhã, Senhorita Castro.

— Até. — Quando desligo o celular, minha mãe e meu irmão me encaram surpresos.

— Vamos a Minas em um jatinho particular? Quer dizer, você tem um jatinho particular? — indaga Henrique bem surpreso.

— Sim, pelo visto sim. Parece que esse Bernardo era mais rico do que imaginávamos. Isso pode ser maravilhoso e tudo mais, mas não tira o fato de ele não me procurar, nem ao menos telefonar para saber sobre mim. Ele continua sendo um merda como pai.

— Às vezes ele pode ter tido os motivos dele — diz minha mãe.

— Vai defender ele?

— Não estou defendendo ninguém, mas não devemos julgar sem antes saber o que de fato o levou a te abandonar e também saber onde sua mãe verdadeira entra na história, porque, pelo que vi, esse advogado não mencionou ela. — Verdade, isso é algo que também quero perguntar a ele.

— Mamãe tem razão, Gabi, não podemos julgar ou dizer algo de ruim do defunto antes de saber o que de fato aconteceu para te deixarem em um orfanato — murmura Henrique, prendendo seu cabelo castanho-escuro e com comprimento até um pouco abaixo dos ombros.

— Ok, devo concordar com vocês. Ainda bem que estamos em período de férias de final de ano, assim posso ir para esse lugar, ver se me adapto e, caso isso não ocorrer, volto para meu emprego no começo do ano. Mesmo tendo todo esse dinheiro, não vou deixar de trabalhar, ainda mais na área que gosto.

— Então vamos arrumar tudo, amanhã será um grande dia para todos.

Assim espero.

O jatinho é maravilhoso, grande, com duas suítes, poltronas reclináveis de couro avermelhado; há duas aeromoças, um piloto e copiloto. Nem preciso comentar sobre as bebidas que foram servidas a nós... Champanhe dos mais caros, petiscos que a gente só vê em filmes de ricos e muitas outras coisas. Porém, por mais que isso tudo pareça lindo, não entendo porque me abandonaram. Questões financeiras geralmente são o mais comum, mas se não foi isso, por qual outro motivo seria? Isso me deixa um pouco triste, ele achar que o dinheiro que me deixaria sanaria alguma coisa sobre

sua ausência. Que tipo de homem era Bernardo De Lins? São perguntas que preciso fazer a esse advogado.

O voo durou pouco mais de uma hora; foi rápido, mas me fez questionar ainda mais coisas.

Quando saímos do Aeroporto Internacional de Belo Horizonte-Confins, um carro já nos esperava na entrada do local e, para a minha surpresa, o homem se apresentou como Albert.

— Senhorita Castro, é um prazer conhecê-la. — Aperta a minha mão.

— Por favor, me chame de Gabriela. Esses são minha mãe, Brenda, e meu irmão, Henrique.

— É um prazer conhecê-los. Eu vou levá-los até a fazenda, fica um pouco longe daqui. — Ele nos leva até o carro e, como cavalheiro, abre a porta do banco do carona para mim e meu irmão faz o mesmo com a minha mãe.

— E as nossas malas? — questiona meu irmão.

— Os funcionários estão trazendo. — E realmente, assim que ele fala, os funcionários do aeroporto aparecem trazendo nossa bagagem e colocam na mala do carro.

— Quando falou sobre o jatinho, eu não fazia ideia do quão grande ele era — comento quando o carro dá partida.

— Bernardo De Lins era conhecido mundialmente pelo seu famoso café, o patrimônio dele é trilionário. — Fico ainda mais surpresa.

— Então por que ele não veio atrás de mim? — Vejo Albert respirar fundo antes de falar.

— Bernardo não sabia de você até dois meses antes de falecer.
— Pisco os olhos várias vezes.

— Como assim?

— Você foi fruto de um relacionamento extraconjugal dele com uma antiga funcionária da fazenda que, assim que descobriu a gravidez, foi embora sem dizer nada. — As surpresas não param.

— Eu fui fruto de algo proibido — murmuro para mim mesma.

— O casamento de Bernardo com Olga nunca foi bom; eles tiveram dois filhos, mas um deles faleceu em um acidente de carro quando tinha dezoito anos e o outro se suicidou quando a mãe morreu por causa de um aneurisma. Bernardo conheceu sua mãe, Paola, quando o primeiro filho dele estava com apenas dois anos, e se apaixonaram perdidamente. Olga descobriu a relação e ameaçou destruir ambos; Bernardo conseguiu abafar isso, mas alguns meses depois, Paola descobriu a gravidez e, de alguma forma, Olga soube. Acredito que a esposa de Bernardo a ameaçou de algo e por isso foi embora sem dizer nada ao patrão que, quando soube de sua partida, tentou achá-la, mas ela havia sumido do mapa. Muitos anos depois, antes de Olga falecer, ela revelou sobre o filho que Paola esperava; Bernardo ficou louco e moveu céus e terra para encontrá-la. Seu irmão mais velho estava passando por problemas psicológicos. O irmão havia morrido há pouco mais de dois anos em um acidente de carro e depois a mãe; Bernardo tentou fazer de tudo para ajudá-lo, porém, ao chegar de uma montaria, encontrou seu filho com os pulsos e o pescoço cortados.

— Meu Deus, que história triste! — diz Brenda em estado de choque.

— Como... Bernardo morreu?— É muita coisa para digerir.

— Seu pai continuou com as investigações de seu paradeiro e, quando te achou, mudou seu testamento. Estava tudo pronto para ele viajar ao Rio e te encontrar, mas adoeceu. Por mais que ele estivesse lutando para achá-la, se descuidou da saúde, não comia, não dormia, a imunidade abaixou, as plaquetas também; teve uma infecção muito forte no sangue, que atingiu os rins e depois os outros órgãos, e acabou vindo a falecer. Mas, dias antes, ele me chamou para conversar e me contou tudo, me entregou a carta que está na fazenda para você ler. Não a abri, pois foi dirigida apenas a você.

— E a minha mãe? Sabe onde ela pode estar?

— Sua mãe morreu vítima de um assalto à mão armada no Rio de Janeiro; você foi para o orfanato quando tinha três anos. — Posso sentir as lágrimas molharem o meu rosto.

Eu não fui abandonada, eu só não tinha ninguém mais para ficar comigo. Minha mãe morreu de uma forma horrível e meu pai não sabia que eu existia. Agora sim, o que Brenda disse antes é verdade.

Não julgar antes de saber o que realmente aconteceu. Eu só não esperava que fossem tantas coisas ruins, uma em cima da outra.

CAPÍTULO 02



GABRIELA CASTRO

Arregalo meus olhos diante de tantas coisas lindas, juntas em um só lugar. A entrada da fazenda é um grande portão de ferro automático que abre com uma senha específica; pelo que Albert me disse é a data do nascimento do primeiro filho de Bernardo, e também comentou que posso trocar a senha quando eu quiser.

Um caminho belo, ladeado por pequenas pedras até a entrada da casa, ou melhor dizendo, mansão. A grama é bem aparada e verdinha, tão linda! Existem outros caminhos, além desse, que levam à casa grande; devem vir de outras partes da propriedade. Albert disse que há um estábulo com cavalos, celeiros, além da área especial para o gado que é vendido para outras fazendas.

— Sejam bem-vindos à fazenda De Lins. — Ao abrir a porta da casa, fico em estado de choque com a grandiosidade de tudo; tem um lustre enorme no teto do hall e, a nossa frente, uma escada bem grande.

— Seja bem-vinda, senhorita De Lins. — Saio do transe que a casa me deixou e percebo que tem algumas pessoas nos observando, todos vestidos de forma igual, e alguns outros com

chapéu, bota e camisa xadrez de diversos tons, devem ser os peões.

— Por favor, me chamem de Gabriela, eu também não tenho esse sobrenome. — Recebo uma cotovelada da minha mãe.

— Desculpe, senhorita, é que foi uma surpresa para nós saber que ainda existe alguém dessa família vivo. Se não fosse a senhorita estaríamos sem emprego e sem ter para onde ir. Muito obrigada por vir. — A moça com os olhos pretos cheios de lágrimas se aproxima e se joga de joelhos diante de mim; me assusto com o seu ato, me abaixo e seguro em seu braço para levantarmos juntas

— Não precisa disso tudo, por favor, fico muito feliz em saber que estou ajudando vocês. Mas quero deixar algo claro, já que estão todos aqui. — Olho rapidamente para Albert, que balança a cabeça como sinal para que eu prossiga. — Eu não sabia da existência de Bernardo De Lins, muito menos de tudo isso aqui. Sinto muito pelo patrão de vocês e toda a sua família. Espero poder aprender com vocês sobre as coisas do campo. Não sei se sabem, mas vim do Rio de Janeiro, lá eu fui adotada por esta mulher, que se chama Brenda Castro e este é Henrique, filho dela. Fui adotada quando tinha cinco anos, fui parar no orfanato quando minha mãe morreu em um assalto e não havia ninguém para ficar comigo, quer dizer, até onde sabíamos não tinha. Também resolvi vir porque quero conhecer mais onde meus pais verdadeiros se conheceram, mas eu peço que não nos tratem como senhorita ou senhor, e sim pelos nossos nomes. De resto, vamos aprendendo aos poucos, e espero que eu consiga continuar os ajudando, tanto quanto

Bernardo. — Sem que eu esperasse, uma salva de palmas é dirigida a mim e fico bem envergonhada.

— A senh... quero dizer, você fala igual ao senhor De Lins, até o olhar de ambos é igual, não é Ilda? — A moça de olhos pretos direcionou a pergunta a uma mulher que tinha um uniforme diferente dos demais, ela me encara com bastante atenção.

— Senhorita Castro, essa é Ilda, governanta da fazenda há anos; conheceu o Bernardo melhor que todos aqui, ela foi babá dele antes de ser a governanta. Ela também conheceu sua mãe. Foi como uma melhor amiga da sua avó, mãe da Paola. — Fico surpresa com essas afirmações de Albert. Me aproximo dela, que se surpreende. Ilda é uma senhora com uma idade avançada, cabelo grisalho, algumas rugas, olhos azuis e pele morena. Ela parece ser bem mais velha que a minha mãe Brenda, deve ter visto tudo; talvez seja a pessoa certa para conversar.

— Tenho tantas perguntas a fazer, espero não a incomodar com nenhuma. — O olhar que ela me lança é de extrema tristeza, e antes que eu pergunte algo, ela se afasta, caminhando por um corredor e entrando em uma sala.

— O que houve? Eu falei algo que não devia?

— Desculpe, Ilda ficou muito triste quando Paola foi embora sem dizer nada. Depois desse tempo todo saber que ela foi embora porque esperava um filho do patrão e ainda por cima ter sido morta de forma tão ruim, são coisas demais para o coraçãozinho velho

dela. Se me der licença, vou vê-la. — A moça dos olhos pretos vai para o mesmo lugar que Ilda foi.

— Bom, vocês podem voltar às suas funções, em breve vou requisitar um dos peões para mostrar a fazenda à senhorita Castro.

— Albert, isso se aplica a você também; tem quase a idade da minha mãe, acho estranho me chamar assim — comento.

— É uma força do hábito. Uso essa forma de cumprimento com todos os meus clientes, e Bernardo não era só um cliente, era meu amigo de infância. Eu o tratava, na maior parte do tempo, como senhor, nada mais justo que fazer o mesmo com sua filha.

— Isso vai mudar com o tempo.

— Albert, tem uma fazenda antes da nossa, bem grande também, de quem é? — questiona meu irmão.

— É a fazenda Monteiro, muito famosa pelo trigo que produzem. O pai do Noah Monteiro foi quem vendeu essas terras para seu pai. — Arqueio as sobancelhas em espanto.

— Essa fazenda não foi herdada de parentes dele?

— Bernardo era filho único, os pais morreram quando ele havia acabado a faculdade; herdou a fábrica de laticínios da família e, com o dinheiro que ganhou, fez questão de ter sua própria fazenda, ele adorava o campo. Bernardo não só comprou essa fazenda, mas também fez a fábrica Lins Andrade ficar conhecida

pela qualidade dos produtos. Eu, para ajudá-lo, fiquei no comando dela na capital, em Belo Horizonte. — Meu irmão arregala os olhos.

— Uau, isso é incrível. Além da fazenda muitas propriedades. Esse cara tinha uma fábrica? Acho que nos demos bem. — Minha mãe dá um tapa na cabeça dele.

— Ai, essa doeu.

— Isso é outro detalhe que quero conversar com a senhorita. Posso sair do comando da fábrica quando quiser, afinal, ela é sua também; pode colocar alguém da sua confiança.

— Não, claro que não, se Bernardo confiou tanto em você para isso, também posso confiar. Continue com o seu trabalho. — Pelo que vi, Albert é um homem sério; é alto, esguio, pele clara, olhos acinzentados, cabelo com alguns fios grisalhos e pouquíssimas marcas de expressão. Deve estar na casa dos cinquenta, como a minha mãe.

— Tudo bem, como quiser.

— Bom, Henrique, se quiser já tenho um trabalho para você. Como entende de contabilidade, pode me ajudar com isso. — Ele arregala seus olhos castanhos iguais aos da mamãe, e passa a mão no seu cabelo comprido, parecendo preocupado.

— Mana, eu sei que confia muito em mim, mas não sei se consigo dar conta de tudo isso. — Me aproximo dele e pego em suas mãos, faço o famoso olhar que ele odeia.

— Isso é golpe baixo, sabe que consegue convencer qualquer um com esse olhar de gatinho pidão. — Minha mãe ri. — Tudo bem, sua golpista, eu aceito sua proposta. — Dou pulinhos de alegria, igual uma criança.

O resto do dia foi bem divertido; conhecemos boa parte da fazenda, os estábulos, gado, tudo, principalmente a plantação de café que, pelo que vi, está a todo vapor. As informações que me foram passadas é que a melhor época para plantar esse tipo de cultivo é novembro ou dezembro, para que em cinco ou sete meses depois, no máximo, já estar pronto para colher.

Algo que me deixou encantada foi a cachoeira, localizada um pouco afastada da sede da fazenda. Ulisses, um dos peões, fez um *tour* conosco, disse que essa cachoeira faz divisa entre a Fazenda Monteiro e a De Lins. Ele disse que poderia ficar à vontade para voltar aqui novamente quando quisesse, e é o que vou fazer amanhã; adoro cachoeiras.

— Ei mana, ouvi de alguns funcionários sobre um evento que vai acontecer no final de semana; é para arrecadar fundos para as famílias neste Natal, acho legal irmos — comenta Henrique.

— Isso seria bom, a fazenda De Lins sempre comparece e faz boas doações, óbvio que não deve se sentir obrigada, mas é uma...

— É claro que vamos, assim podemos conhecer melhor as pessoas da cidade de Ouro Preto. — Estávamos todos na mesa do jantar, pedi a Albert que ficasse ao menos alguns dias para me

ajudar com questões legais e administrativas da fazenda, para me acostumar.

— Isso tudo que está acontecendo, nossa mudança para Minas Gerais, essas revelações, ainda é bem difícil de acreditar — murmura minha mãe.

— Acho que a nossa ficha vai demorar a cair — comento.

— Eu sei que tudo foi rápido demais, que ainda parece surreal, mas aos poucos tudo vai se encaixar.

— Senh... Gabriela, temos visitas — avisa uma das empregadas. Olho confusa para ela e logo em seguida uma mulher surge; automaticamente os olhos dela me fuzilam.

— Então você é a mulher que se diz ser filha de Bernardo De Lins? — Me levanto na mesma hora.

— Em primeiro lugar, quem deixou que você entrasse na minha casa? — Ela ri. Joga seu cabelo loiro comprido para trás e me encara com seu olhar azul raivoso.

— Gabriela, essa é Suzane Mendes Monteiro, esposa de Noah Monteiro; são seus vizinhos. — A encaro com o mesmo olhar que a ridícula me lança.

— Todos os filhos desse velho idiota morreram; essa fazenda era para ir à venda.

— Sabemos do seu interesse em tomar posse dessas propriedades, mas essa moça é filha de Bernardo. Ela estava desaparecida e era uma informação de extremo sigilo, agora está aqui para reivindicar seus direitos. — A tal Suzane ri novamente.

— Você não é a filha de Olga De Lins, ela e minha mãe era grandes amigas. Deve ser filha da amante do marido dela, Paola, a mulher que destruiu essa família — ameaço avançar em cima dela, mas Albert me segura.

— Senhora Monteiro, quero que saia dessa fazenda agora, senão chamarei os peões para fazer isso — avisa Albert.

— A filha bastarda do velho De Lins. Nossa, sua mãe conseguiu mesmo dar o golpe..., onde essa maldita está? Não a vejo aqui.

— Olha aqui, sua loira ridícula, não vou deixar que fale assim da minha filha. — Meu irmão entra na frente da minha mãe.

— Filha? Então não é filha da Paola?

— Minha mãe, para sua informação, morreu quando eu era uma criança e fui adotada. — Ela parece um pouco surpresa.

— Então ela morreu... Nossa, deve estar no inferno pagando pelas mortes que causou. — Não conseguindo mais me segurar, me desvencilho de Albert e avanço em cima dela, a pego pelo cabelo e começo a arrastá-la pela casa.

— Gabriela! — Minha mãe grita.

— Me solta! Sua bastarda infeliz! — Ela se debate e grita.

— Vou te mostrar do que a bastarda é capaz de fazer — continuo a arrastando sem me importar que ela se machuque; quero que se foda.

Os funcionários aparecem assustados no hall e se surpreendem ao me ver arrastando alguém.

— Meu Deus, senhora Monteiro! — Uma delas exclama.

— Abram a porta, eu vou jogar esse lixo lá fora — ordeno.

— Mas Ga...

— Agora! Essa maldita entrou na minha casa, me ofendeu e ofendeu a minha família, nem conheço essa vagabunda — vocifero cada palavra.

— Irmã, já chega, ela já teve o que merecia. — Henrique se aproxima e segura em minha mão, respiro fundo e a solto. Ela se levanta do chão e se afasta.

— Você não me conhece e nem o poder que a minha família e meu marido tem. Vou acabar com você, bastardinha!

— Vai tomar no seu cu, vagabunda dos infernos. Que se foda quem é sua família, não tenho medo de você e nem de ninguém.

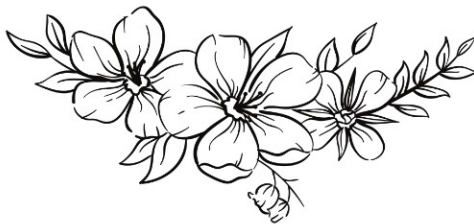
— Tudo isso aqui vai ser meu, e eu vou ter o prazer de ver a sua ruína. — Ela diz com raiva, o cabelo todo bagunçado, o rosto

vermelho e o olhar assassino.

— Tirem essa mulher daqui. E saiba que a Fazenda De Lins nunca vai estar à venda, pois eu sou a dona dessa porra toda e, para que isso aconteça, vai ter que passar por cima de mim. Só que para isso, você vai ter que ser muito mulher! — Me viro para os funcionários, parados, me olhando. — Peço desculpas a todos pela cena e também por ter gritado com vocês, isso não vai se repetir. — Subo as escadas sem deixar que ninguém fale mais nada.

Ódio, ódio, ódio.

CAPÍTULO 03



NOAH MONTEIRO

— Pai, como o senhor está? — Ele me encara com tristeza no olhar.

— Essa pergunta deveria ser dirigida a você, que trabalha demais e ainda vive um casamento de merda, tudo por culpa do meu vício. — Solto uma respiração pesada e me recosto na cadeira de couro escuro.

— Seu Antônio, pare com esses pensamentos, ok? Um dia essa situação vai acabar, eu lhe garanto — murmuro voltando a olhar a tela do computador.

Meu escritório é na fazenda; desde que me casei, minha vida se resume a ficar aqui ou no campo. Minha vida deu um giro com as questões do vício do meu pai, desde quando ele perdeu uma aposta muito importante para o pai de Suzane e o prêmio era a fazenda Monteiro. Meu pai implorou para que ele desse um tempo para que juntasse o valor, mas Álvaro, pai de Suzane, tinha outros planos. Sua filha era extremamente apaixonada por mim, desde criança; fomos criados juntos, minha mãe e a dela eram melhores amigas, mas os Mendes se afastaram dos Monteiros quando minha mãe

faleceu com causa de um câncer há dez anos. Desde então, meu pai entrou em uma depressão horrível e foi entrando em dívida em cima de dívida. Eu que sempre dava um jeito para pagar, mas quando ele apostou a nossa casa, foi demais. Enfim, querendo realizar a vontade de sua filha mimada, ele pediu que eu me casasse com ela como pagamento da aposta. Meu pai não aceitou, mas quando ele me contou isso, não tive outra escolha. Era um legado dos Monteiros, não podia entregar de mão beijada, nem que isso custasse a minha felicidade.

— Maria deve estar se revirando no túmulo por isso — diz, se referindo a minha mãe.

— Não tivemos escolha, e por favor, pare de se lamentar. Desde esse dia não tem apostado mais, é um novo homem e isso é maravilhoso. — Tento animá-lo.

— Você deve sentir o veneno daquela mulher quando a beija.
— Rio com a sua fala.

— Eu sou imune a esse tipo de veneno. — E como se fosse uma invocação, ela surge do nada, toda despenteada e com o rosto vermelho. Seus olhos estão cobertos por lágrimas de puro ódio.

— Suzane! O que aconteceu? — Me levanto preocupado e vou até ela.

— Aquela maldita bastarda! — vocifera.

— Que bastarda? — Meu pai questiona.

— O maldito Bernardo teve uma filha com aquela amante que fugiu. — Fico surpreso com essa revelação.

— Ele teve uma filha? Uau, isso é bem surpreendente. Ao menos aquela fazenda não vai ficar para o governo e os empregados não ficarão sem trabalho. — Vejo Suzane me fuzilar com os olhos.

— Eu fui até aquela fazenda para ver se conseguia comprá-la e me surpreendi com essa tal de Gabriela e outras duas pessoas que estavam com ela. Aquela idiota me arrastou para fora da fazenda dela! — Meu pai tenta segurar a risada.

— E por que ela fez isso a você? — pergunto.

— Só falei algumas verdades para ela, que a mãe foi uma vadia golpista e que ela ia perder tudo aquilo para mim.

— E queria que a reação da moça fosse outra? Entrou na casa dela, insultou não só a mãe, mas ameaçou tomar a fazenda.

— Vai ficar do lado dela?

— Você não tinha que ter ido lá. Eu disse que não vamos comprar aquela fazenda e ponto final — decreto.

— Não preciso de você para isso, posso pedir ao meu pai que o faça. Quero ter o gostinho de fazer o mesmo que ela fez a mim.

— Suzane, por favor, não arrume problemas, eu só quero paz — murmuro já cansado de tudo.

— Noah, você é meu marido, aja como tal! — grita.

— Eu vou dormir, amanhã tenho trabalho a fazer. — Me viro para sair dali, sem dar chance para que ela fale mais alguma coisa, e meu pai me segue.

— Deveríamos mandar flores a essa mulher, colocou a cascavel no lugar — murmura.

— Suzane só teve o que procurou, espero que isso não me traga problemas.

GABRIELA CASTRO

Acordei bem cedo, tomei meu café e fui para a cachoeira, ontem disse que faria isso. Por mais que ame o Rio de Janeiro, olhar toda a beleza deste lugar, sua natureza exuberante, é magnífico. A cachoeira é enorme, cascatas belas e grandes, diversas árvores em volta. Fecho os meus olhos e respiro o ar puro, tento espantar toda aquela lembrança de ontem à noite. Me arrependo de não ter dado na cara daquela perua.

— Com licença. — Me assusto com a voz de alguém e fico surpresa ao ver de quem se trata.

Que porra de homem é esse?

Alto, forte, pele branca, barba grande, mas bem feita, olhos azuis, sorriso arrebatador e uma voz grossa e alta de molhar qualquer uma. Fora que esse ar de fazendeiro, camisa xadrez, calças jeans e chapéu, o deixa ainda mais bonito.

— Ah... Oi — gaguejo.

— Desculpa, é que nunca te vi aqui, me chamo Noah Monteiro. — Esse é o meu vizinho e marido daquela vaca? Ela está bem servida.

— Gabriela Castro.

— Gabriela? A herdeira do De Lins? — Balanço a cabeça afirmando. — Não tem o sobrenome dele?

— Castro é o sobrenome da família que me adotou quando eu fiquei órfã; inclusive, eles estão aqui comigo.

— Que bom, e aproveitando que te conheci, quero me desculpar pela minha esposa; ela tende a ser insuportável quando quer. — Se o próprio marido diz isso, quem sou eu para discordar. — Ela ficou obcecada pela fazenda e, quando soube da morte do Bernardo De Lins, achou que ia comprá-la, já que todos na cidade acreditavam que ele não tinha mais herdeiros.

— Eu nem sabia disso tudo. O advogado ligou me avisando sobre, nem sequer sabia quem eram meus pais de verdade. Minha vida deu um giro muito grande.

— Devo imaginar e, pelo seu sotaque, você não é de Minas.

— Rio de Janeiro, mais precisamente da Baixada.

— É, sair de uma cidade grande para o campo é loucura, mas vai se acostumar; é tranquilo e acolhedor aqui. — Abro um sorriso.

— Tomara.

— Bom, eu já vou, tinha vindo aqui para relaxar um pouco, e, além disso, acabei conhecendo minha mais nova vizinha. — Ele estende a mão para mim e eu aceito.

Sei que é clichê demais falar isso, mas uma sensação de corrente elétrica começou pela minha mão, que estava envolta pela dele, e se espalhou por todo o meu corpo. Quando olho um pouco para cima, ele está me olhando; é bem difícil disso acontecer, mas corei na mesma hora. O olhar que ele me lança é indecifrável.

— Até mais, senhorita Castro.

— Até, senhor Monteiro. — Os nossos sobrenomes foram ditos de forma tão diferente, que por um momento achei que algum tipo de flerte havia surgido, mas isso é só coisa da minha cabeça.

Mesmo aquela mulher sendo uma vaca, ele ainda é casado com ela e extremamente proibido para mim.

CAPÍTULO 04



NOAH MONTEIRO

O rosto daquela mulher, o sorriso, até mesmo a voz e seu toque não saem da minha cabeça. Estou me sentindo bem confuso; sempre fui muito reservado e só tive uma namorada quando era bem novo. Nunca fui mulherengo, tinha minhas necessidades, mas jamais tratei nenhuma mulher como objeto. Entretanto, nunca fiquei tão fascinado por alguém à primeira vista; isso é bem novo.

— Seu pai disse que estaria aqui. — Olho para trás e Flávio se aproxima, ele é meu melhor amigo desde criança, me ajuda na contabilidade da fazenda.

— Como ela odeia cavalos, sei que o estábulo seria meu refúgio — murmuro alisando meu companheiro desde que era um adolescente, um cavalo bem grande, de pelo preto e brilhante.

— O Marco está maior, diria até *bombadinho*. — Ele o avalia com seus olhos esverdeados.

— Ele e meus outros cavalos, cuido de todos como se fossem meus filhos.

— Mudando de assunto, soube da herdeira da fazenda De Lins? Ainda estou surpreso com Bernardo ter tido uma filha fora do casamento. — O olho confuso.

— Como sabe disso?

— Suzane fez questão de espalhar para toda Ouro Preto. — Solto uma respiração pesada.

— Olha, essa mulher é um ser terrível. Pode ser sua irmã, mas é um ser de merda. — Ele ri.

— Por isso me afastei daquela família; meu pai e minha mãe mimaram muito Suzane, ela está insuportável. Às vezes me questiono se sou irmão dela mesmo ou se sou adotado. — Me fasto do cavalo e começo a caminhar para fora do estábulo.

— Tive o prazer de conhecer essa moça. Se chama Gabriela Castro, foi adotada por uma família que veio com ela conhecer a fazenda.

— E a moça é bonita?

— Além de linda, é extremamente simpática, mas parece que pode ser ácida quando provocam. — Flávio me olha confuso.

— Como assim?

— Suzane, ontem à noite, foi à fazenda dela querendo comprar e deu de cara com essa Gabriela. Como conhece sua irmã, ofendeu a moça de tudo quanto é jeito e ainda por cima falou mal da

mãe biológica dela. Gabriela a colocou para fora a arrastando pelos cabelos. — Flávio arregala os olhos e logo depois começa a rir.

— Queria muito ter visto essa cena, ganharia meu ano.

— Ela chegou com puro ódio nos olhos e com o cabelo todo bagunçado, meu pai se segurou para não rir na cara dela. — Ajeito o meu chapéu escuro.

— Agora fiquei com mais vontade de conhecer essa moça, já virei fã dela.

— É, mas essa moça não conhece Suzane e sua falta de limites. Ela cutucou a onça com vara curta e, com certeza, sua irmã vai cair matando em cima dela. — Suzane odeia perder; para conseguir o quer é capaz de muita coisa e isso me preocupa.

— Mas acho que ela deve ter encontrado uma adversária à altura. Minha irmã sabe que você a conheceu e ainda por cima conversou com essa moça? — questiona.

— Não, e estou pouco me fodendo para isso. Eu estava indo para a cachoeira e por acaso essa moça estava lá, começamos a conversar, mas foi por poucos minutos.

— Ficou encantado pela moça, dá para ver no seu olhar. — Está tão evidente assim?

— Infelizmente, sou casado.

— Com uma mulher terrível e que você não ama. Noah, você foi forçado, não seria surpresa se a traísse.

— Ela é sua irmã, como pode falar isso? — Ele me olha e diz:

— É exatamente por conhecer Suzane que jamais julgaria se a traísse, ou até mesmo pedisse o divórcio. — Balanço a cabeça em negação.

— Por mais merda que meu casamento seja, seria errado da minha parte fazer isso; sabe como eu sou. — Ele revira os olhos.

— Um chato que prefere perder a liberdade do que mandar aquela mulher para o inferno e a família Mendes se foder.

— Você faz parte dessa família. — Ele dá uma leve tremida no corpo e murmura:

— Não me lembre de coisa ruim, por favor.

— Noah! — Por falar em coisa ruim.

— Suzane, por que está gritando?

— Não me esperou de novo para tomarmos café juntos. — Ela olha para o irmão com cara de nojo. — O que esse *viado* faz na minha casa?

— Já chega! Não fale assim com seu irmão de novo! — falo alto.

— Não se preocupe, Noah, já não me importo mais com o que essa vaca fala.

— Não vai entrar na minha casa e...

— Essa é a minha fazenda e eu sou o dono dela. Sou eu quem decide quem entra aqui ou deixa de entrar. E Flávio faz a contabilidade da fazenda.

— Você é meu marido, tudo que é seu, é meu, amorzinho, incluindo toda essa fazenda. E em breve a De Lins também.

— Ainda com essa ideia idiota?

— Idiota? Hoje vou a Belo Horizonte ver meus pais e convencê-los a me ajudar nesse problema. Aquela bastarda vai pagar pelo que me fez.

— Ela deveria ter te socado, para ferrar ainda mais essa sua cara de cobra feia. — Flávio alfineta e Suzane ameaça avançar nele, mas eu entro na frente.

— Vai defender ele? Flávio está insultando a sua esposa.

— Você começou. — A vejo bufar.

— Não é à toa que mamãe e papai o desconhecem como filho; além de *viado* é um ser sem classe alguma. — Logo em seguida ela sai pisando firme, aparentemente com raiva.

— Deveria denunciar sua irmã, isso é homofobia. — Ele ri.

— Um dia farei isso, mas quero esperar a oportunidade certa. Mas para tirar o veneno dela de nós, precisamos beber.

GABRIELA CASTRO

— Olha quanto essa fazenda fatura no mês! É o valor de um apartamento chique em Copacabana — murmura meu irmão, olhando os relatórios.

— Isso é bom, mostra que a fazenda está indo muito bem; só temos que manter assim ou ser ainda melhores. — Folheio as anotações no caderno de Bernardo, Albert disse que era sobre a fazenda e que eram bem importantes. Estávamos no escritório, que é enorme, todo em branco e preto com móveis rústicos e envernizados, teto de gesso rebaixado e chão de madeira.

— Mana, onde você foi mais cedo? Não tomou café conosco.

— Fui até a cachoeira e lá encontrei um cowboy muito do gostoso. — Henrique para de mexer nos papéis e passa a me dar atenção.

— Como assim? Me atualize, por favor.

— Eu estava na cachoeira quando ele chegou. A voz dele parece de um trovão, firme, alto e forte. Belos olhos azuis, um sorriso arrebatador, barba grande, mas bem aparada e todo alto e definido. — Ele ri.

— Uau, que coisa mais linda... Mais, me conte mais.

— Conversamos um pouco e, antes de nos despedirmos, ele apertou a minha mão e senti uma sensação muito gostosa.

— Qual o nome dele? — Meu sorriso se desfaz na hora.

— Noah Monteiro, ele é marido daquela maluca que veio aqui ontem. — Meu irmão arregala os olhos.

— Mas que merda! Que balde de água fria.

— Nem me fale... Um homem lindo e simpático como aquele ter como esposa uma cobra da pior espécie.

— Às vezes pode ser só um casamento de aparências, pessoas com dinheiro fazem muito isso.

— Mesmo assim ele é casado; sendo de aparência ou não, Noah Monteiro é proibido para mim. — Que ódio.

— Mas essa cobra é uma sortuda, deve ser tudo de bom dormir ao lado de um homem como esse e acordar tendo a visão de um deus grego. — Mordo meus lábios só de imaginar.

— Infelizmente ele não é para nós.

— Fale por você, é o mínimo que aquela vaca merece depois de insultar a todos nós e a sua falecida mãe. Um par de chifres. — Balanço a cabeça em negação.

— Eu posso ser uma pervertida, mas me coloco no lugar da mulher, não gostaria que fizessem isso comigo. Fora que quero distância de problemas, ainda mais com essa mulher.

— Depois do que fez ontem com ela? Duvido que ela vá te deixar em paz. Suzane Monteiro vai ser uma pedra no seu sapato.

— Se ela é uma, eu sou duas, então é melhor essa vaca ficar no lugar dela; senão, vai conhecer um lado meu nada agradável.

Venha com tudo, piranha, que a Gabi aqui vai lhe dar em dobro.

CAPÍTULO 05



GABRIELA CASTRO

TRÊS DIAS DEPOIS

— Bom dia senhorita, qual o cardápio para o almoço de hoje?

— Uma das funcionárias pergunta, estava no escritório verificando as anotações de Bernardo.

— Sinceramente falando eu não sei; nessa parte podem ficar à vontade para decidirem o que é melhor. E por favor, me chame de Gabriela.

— Desculpe, já vou providenciar tudo. Com licença.

— Ei, espere um pouco, pode me dizer seu nome? — Acho que preciso aprender o nome de todos, assim vai ser mais fácil.

— Me chamo Bárbara.

— Muito bem. Bárbara, poderia chamar a Ilda aqui? Queria muito conversar com ela. Faz quase uma semana que ela me evita, desde que cheguei. E também quero muito pedir um favor para mais tarde.

— Claro, pode pedir.

— Eu quero muito aprender o nome de todos vocês, queria que mais tarde andasse comigo pela casa e me apresentasse todos e suas funções. — Ela arregala os olhos.

— Isso vai ser difícil, somos muitos; nem mesmo o senhor De Lins conseguiu memorizar o nome de todos.

— Eu preciso aprender; quero de alguma forma ser não só a patroa de vocês e sim uma pessoa que podem contar quando precisarem. — Ela abre um sorriso envergonhado.

— Às vezes acho que a senh... Quer dizer, você é um anjo. — Dito isso ela sai, me deixando com meus pensamentos.

Desde que cheguei aqui tenho trabalhado dia e noite; mandei montar um escritório para o meu irmão para ele ter mais privacidade para trabalhar e, em um dia, eles conseguiram fazer. Albert tem ficado na fazenda para me ensinar algumas coisas sobre ela, mas em breve vai ter que voltar a Belo Horizonte para a fábrica. As anotações que Bernardo deixou tem me ajudado bastante a entender melhor sobre o café, e preciso aprender logo; depois do evento de Ouro Preto vai acontecer a plantação e eu quero estar lá presente.

Tive de comprar roupas novas, em especial calças e botas, já que pisar na grama ou em qualquer parte da fazenda do lado de fora, de salto, não é uma boa opção, muito menos de chinelos. Algo que adoro é ficar descalça ou de chinelos em casa, até mesmo passear no *shopping* ou na beira da praia, mas aqui não tem esses

costumes e até eu me adaptar vai demorar, mas enquanto isso não acontece, dentro de casa uso meus belos chinelos.

Outra coisa que pedi foi a reforma no quarto que era de Bernardo. Quando entrei lá senti algo pesado, tudo ali parecia triste demais, então mandei fazer uma reforma para que eu ficasse lá. Enquanto isso, durmo em outro quarto, próximo ao do meu irmão. Sobre a carta de Bernardo, Albert revelou algo, uma condição imposta pelo seu cliente e amigo, que eu só abrisse a carta na colheita de maio ou junho. É estranho esse pedido e nem Albert entendeu, mas eu decidi fazer a última vontade dele.

Outra coisa que não sai da minha cabeça é Noah Monteiro. Como um homem que só vi uma vez e com quem troquei poucas palavras pode me fazer pensar tanto assim nele? Como se o conhecesse há anos, como se olhar para os olhos dele me fizesse sentir uma grande paz. Isso é muito errado, o homem é casado e jamais tentaria algo, é proibido demais.

Então, por que ele não sai da porra da minha cabeça?

Saio dos meus devaneios com alguém batendo na porta, permito a entrada e logo Ilda entra.

— Me chamou, senhora?

— Poderia se sentar? Preciso conversar com você. — Sem dizer nada, ela puxa a cadeira à frente da minha mesa e se senta. — Queria muito fazer algumas perguntas a você e por favor, responda com a mais pura sinceridade.

— Antes de começarmos, quero me desculpar por ter saído praticamente correndo quando chegou aqui, eu estava assustada e surpresa demais. Albert me contou sobre como Paola havia morrido e que tinha deixado uma filha, mas ele não mencionou nada sobre você ser a cópia dela. — Ilda estende uma foto para mim, pego e vejo do que se trata, sinto uma certa emoção.

— Uau. — É tudo que consigo dizer diante disso, é como se essa foto fosse minha. Olhos pretos, cabelo longo, liso e escuro, pele branca, mas com leve bronzeado, nariz arrebitado, lábios carnudos e um sorriso com poucas covinhas.

— Sim, por isso fiquei tão assustada. Por mais que seja idêntica a ela, herdou a bondade, a liderança e a sinceridade do seu pai. Você é a mistura deles.

— Me conte como eles se conheceram, como chegaram a ter algo.

— Sua mãe veio para esta fazenda com a sua avó para trabalhar. Assim que Bernardo a comprou, vim para cá com ele para ser sua governanta. Ele conheceu a esposa ainda em Belo Horizonte. No começo estava tudo indo muito bem, a fazenda estava próspera, Bernardo havia começado a exportar café; tudo parecia perfeito, até o nascimento de Oswaldo, seu irmão mais velho, ou melhor dizendo, do filho de Antônio Monteiro. — Arregalo meus olhos.

— Como assim? Oswaldo não era filho de Bernardo? — Estou em choque.

— Ninguém sabe disso, nem mesmo Albert, seu melhor amigo, mas teve um dia que vi Bernardo chorando, bem bêbado, e me contou tudo. Isso foi um mês depois que Oswaldo havia nascido, mas ele descobriu a traição da esposa quando foi ao hospital onde o menino nasceu buscar os exames que ela fez antes e depois do nascimento. O parto do menino Oswaldo foi difícil, Olga quase morreu. Os médicos disseram a ele que o bebê havia nascido de oito meses, mas nos exames dizia que era com nove. Bernardo fez as contas e disse que era impossível. Ele tinha feito uma viagem alguns meses antes de ela anunciar a gravidez e, pelas contas dele, era para o bebê nascer com um mês a menos, mas não foi. Ele questionou os médicos e, pressionando a todos, revelaram que foram pagos para mentir. Quando ele chegou em casa, desolado, teve uma briga feia com Olga e exigiu saber quem era o pai do filho dela.

— *Eu quero saber com quem você foi para a cama, porque o menino que dorme naquele berço não é meu!*

— *Amor, de onde tirou isso? — Bernardo jogou os exames em cima dela e quando Olga pegou para ver, ficou pálida.*

— *Vai mentir para mim? Enquanto eu estava trabalhando, para poder dar a você o melhor de tudo, você estava fodendo com outro homem! — Bernardo chorava, estava desolado e com raiva.*

— *Foi um deslize, eu tinha saído para o bar da cidade, estava me sentindo sozinha e lá conheci um homem; conversamos a noite toda e quando dei por mim, já estávamos nos beijando. Eu ia te*

contar isso, por favor, me perdoa. — Olga se ajoelha perante ele, em prantos.

— Ia me dizer isso quando? Quando Oswaldo estivesse na faculdade? Eu quero saber quem é a porra desse homem!

— E ela contou quem era?

— Só foi revelado no dia da morte de Olga. Além de ela contar que ameaçou sua mãe para que fosse embora de vez, contou ao marido quem era o pai de Oswaldo. Lembro dele bem triste e surpreso, mas decidiu não fazer nada, Bernardo pegou amor a Oswaldo e quando ele se matou, sofreu tanto quanto na morte de Orlando.

— E como ele conheceu a minha mãe? — Posso sentir as lágrimas em meus olhos.

— O casamento de Olga e Bernardo ficou horrível depois dessa traição. O amor e a admiração que ele sentia por ela não eram mais os mesmos, mas ainda assim ele aceitou a responsabilidade de cuidar de Oswaldo. Paola estava servindo a mesa do jantar quando ele a viu pela primeira vez; antes, ela trabalhava só na faxina, então ele nunca a tinha visto. Justamente naquele dia eu resolvi pedir a ajuda dela para servir o jantar, já que a moça encarregada disso estava doente. Eu vi o momento em que os olhos daqueles jovens se encontraram, parecia coisa de cinema ou novela, mas foi amor à primeira vista. Os dois começaram a ter encontros às escondidas; durante três anos Olga sequer desconfiou. Eu sempre os aconselhava a pararem de fazer aquilo, mas era

difícil; pedir que duas pessoas deixem de se amar é impossível. Quando Oswaldo tinha cinco e Orlando dois anos, seu pai tomou a decisão de pedir o divórcio. Olga questionou o porquê, ele somente dizia que era por não a amar mais. Olga achava que o nascimento de Orlando iria salvar o seu casamento, mas estava errada, seu casamento já estava fadado ao fracasso quando traiu o marido.

Ilda continuou narrando, as mãos no colo e o olhar longe.

— Em uma noite, Bernardo havia ido ao celeiro, Olga resolveu o seguir e chegando lá se escondeu, viu e escutou tudo. Bernardo e Paola planejavam se casar depois do divórcio. Olga, furiosa, partiu para cima de Paola, que só fez ficar quieta e dizendo que merecia cada tapa, mas que não se arrependia de amar Bernardo; ouvir aquilo deixou Olga mais furiosa ainda. Bernardo a puxou e arrastou para fora dali; quando entraram na fazenda brigaram feio, ele jogou na cara a traição dela, que ficou sem argumentos e tentou reverter a situação, mas já era tarde, Bernardo estava decidido a se divorciar. Meses depois, o papel do divórcio havia saído, tudo estava indo bem para que o casamento deles chegasse realmente ao fim, mas Paola se viu grávida. Eu não soube disso, e até hoje não sei como Olga descobriu. A única coisa que soube foi que Paola foi embora sem se despedir de ninguém. Bernardo ficou desolado, passou muito tempo tentando encontrá-la, mas parecia que Paola havia sumido do mapa e o resto da história você sabe. — Estou bem chocada e surpresa diante de cada palavra dita por Ilda; nunca achei que tudo poderia ter mais complexidade.

— Eu simplesmente estou muito surpresa e sem saber o que dizer. — Ilda me surpreende ao pegar em minha mão e me olhar bem nos olhos.

— A única coisa que tem que pôr na sua cabeça é que seus pais eram pessoas incríveis e, por mais dificuldade que tivessem, sempre amaram um ao outro. Bernardo, até o último suspiro, amou Paola com toda a sua força e acredito que ela também.

— Antônio Monteiro... Ele é o pai de Noah, certo?

— Sim, ele sabe de toda a história, mas só tomou conhecimento de que Oswaldo era seu filho no enterro dele. Ficou desolado, mas se manteve quieto e nunca tocou no assunto; sua esposa, que descansa em paz, e nem mesmo Noah sabem disso.

— Acho que vou precisar de alguns dias para assimilar tudo com clareza. — Ela sorri.

— Eu te entendo, e novamente quero me desculpar pelo outro dia. Acho que deveria ter te recebido melhor, afinal, Paola era como uma filha para mim. Quando a mãe dela morreu, eu fiquei encarregada da sua criação.

— Então isso a torna minha avó? Porque acredito que meu pai também era como um filho para você. — O sorriso dela me contagia e sorrio em meio às lágrimas.

— A senho...

— Por favor, você, mais do que ninguém, deve me chamar pelo nome. Você e Albert são o vínculo que ainda me liga aos meus pais de verdade e quero que me trate como se fosse da sua família.

— Se assim desejar, vai ser um prazer, Gabriela.

CAPÍTULO 06



NOAH MONTEIRO

Hoje é o grande evento da cidade de Ouro Preto; o centro está lotado de pessoas que vêm de cidades vizinhas para essa bela festa que ocorre o dia todo. Igrejas arrecadaram brinquedos e roupas o ano todo para distribuir aos menos afortunados, alguns moradores montaram tendas onde vendem produtos artesanais e todo o valor é revertido para alimentar os pobres no Natal e no Ano Novo. Esse ano pedi aos meus funcionários que fizessem bolos de diversos sabores para serem vendidos e todos concordaram em ajudar com gosto, afinal é para uma boa causa e, como sempre, eu estou à frente da tenda onde estão sendo vendidas essas delícias.

Suzane como sempre não vem, diz que detesta se misturar com “gentinha”. Eu prefiro não rebater e até agradeço, assim posso fazer meu trabalho em paz, sem ela enchendo o meu saco.

— Precisando de uma ajuda? — Me surpreendo com a presença de Flávio no evento, faz cinco anos que ele não participa devido ao escândalo que sua família armou quando ele se assumiu homossexual. Ele é irmão gêmeo de Suzane, mas é extremamente o oposto não só dela, mas da família difícil que tem.

— Olha, estou surpreso de te ver aqui, faz cinco anos que não aparece no evento da cidade. — Ele sorri sem graça.

— Digamos que cansei de me esconder. Vou me mudar de Belo Horizonte, acho que é melhor viver aqui; fica mais perto da fazenda e quando aquele assunto foi para a mídia, todos dessa pequena cidade me acolheram. Portanto, acho que aqui posso ser quem eu sou. — Dou leves tapinhas em seu braço, mostrando todo o meu apoio e orgulho. Flávio é como um irmão para mim.

— Pode me ajudar a atender as pessoas, parece que nossa tenda está fazendo sucesso — murmuro.

— Sabe que só está vendendo muito porque está aqui, as mulheres da cidade tem um tesão fodido em você. — Começo a rir.

— Usarei isso a meu favor, afinal, é por uma boa causa.

— Poderia aproveitar e achar uma mulher entre elas e mandar Suzane pra puta que pariu.

— Sabe que me divorciar está fora de questão, eu gosto de honrar meus deveres e Suzane é um deles, por mais que não a ame. — Ele revira os olhos verdes.

— Quanto tempo faz que não transa? Imagino como deve ser o sexo com alguém que você não sente nem atração. — Isso é algo realmente complicado. Estou casado há três anos com Suzane e posso contar nos dedos da mão quantas vezes tivemos algum tipo de relação mais íntima, e sempre é ela quem procura.

Suzane sabe que casei com ela sem amor algum, que fui forçado e mesmo assim aceitou, dizendo que iria me conquistar. No fundo eu pensei que com o tempo poderia ao menos gostar dela, mas nem isso. Ela é um ser intragável, adora pisar nas pessoas, me trata como uma mercadoria, acha que tudo tem que ser do jeito dela. Uma vez quase agrediu uma funcionária só porque a moça esqueceu de lavar uma de suas blusas favoritas, eu intervi e falei que se ela tentasse maltratar novamente a moça ou outro funcionário, eu iria passar por cima da minha palavra e me divorciaria dela, mesmo que isso significasse perder a fazenda. Violência é uma coisa que odeio, ainda mais com pessoas inocentes e sem motivo algum.

— Ao menos coma alguém e saia dessa abstinência... Qualquer uma é melhor que a vaca da minha irmã. — Prende seu cabelo loiro em um coque alto.

— Admito que às vezes sinto vontade de ter um bom sexo, mas eu sou casado, belo amigo; acho traição algo ruim demais. Se um dia eu sair desse casamento, ao menos quero sair de cabeça erguida.

— Um dia você vai achar alguém que vai levá-lo a mudar de ideia e fazer você pedir esse divórcio rapidinho; só espero que não demore muito — murmura me olhando, mas logo vejo seu olhar desviar para algo atrás de mim. Quando olho para trás percebo que Flávio está observando um homem que anda até uma tenda com algumas caixas nas mãos. Cabelo escuro, barba, forte e acho que um pouco menor que eu.

— Seca a baba — zombo.

— Quem é aquela bela criatura? Nunca o vi na cidade.

— Também nunca o vi por aqui — continuo observando para onde o homem carrega a caixa e me surpreendo quando a vejo, a moça que não sai da minha cabeça. Ela sorri para o homem e dá espaço para ele deixar a caixa dentro da tenda. — Aquela moça, a tal Gabriela — murmuro.

— A herdeira? Uau! Agora entendo porque não tira ela da sua cabeça, a moça é linda! Será que aquele homem é namorado dela?

— Acho que não, pode ser o irmão adotivo que veio com ela.
— Meu amigo dá pulinhos de alegria.

— Então não custa nada conhecer minha nova cunhada. — Flávio caminha até lá, me deixando sozinho na tenda.

Até prefiro assim, dessa forma posso a admirar de longe; sei que nunca poderia tentar algo com ela, mas acho que admirar e olhar não custa nada.

— Filho, tudo bem? — Saio dos meus devaneios com a voz do meu pai.

— Sim, está sim. — Ele olha para onde meus olhos estão fixados e logo diz.

— Bela moça, é nova na cidade?

— É a filha do Bernardo de Lins. — Ele arregala os olhos.

— É ela? Linda moça; com certeza deve ser por isso que os homens estão indo tanto para aquela tenda. — Antônio percebe que não comento nada e então fala. — Por que não vai lá conversar com ela? Posso ficar aqui, encarregado de vender os bolos.

— Pai, por favor.

— Conversar não é nada demais. Não estou pedindo para trair sua esposa, somente conversar com a moça. — Parece que é coisa do destino. Nossos olhares se cruzam e Gabriela abre o mais belo dos sorrisos para mim, dá um breve aceno e eu, igual um idiota, retribuo. Isso foi o suficiente para ela vir na minha direção.

Putaquepariu!

— Acho que vou deixá-los à vontade. — Meu pai se afasta para atender os clientes e, antes que eu faça algo, Gabriela já está bem na minha frente. Cabelo escuro e liso preso em um rabo de cavalo, calça jeans escura, blusa branca sem mangas e porra! Ela está sem sutiã! Posso ver seus mamilos pelo tecido da blusa.

Porra, isso só pode ser alguma provação.

— Olá vizinho, vejo que a sua tenda está fazendo sucesso, em especial com as mulheres.

— Devo dizer o mesmo da sua. — Tento fingir não estar tenso diante de sua presença.

— Estamos vendendo cafés colhidos na fazenda e biscoitos de diversos sabores; café com leite também, para quem gosta. — A animação dela me contagia.

— Parece bom, já aqui estamos vendendo bolos de vários sabores. — Vejo os olhos dela brilharem.

— Sério? Eu amo bolo, em especial de morango. — Faço um sinal para ela esperar um pouco, vou até o balcão e pego um pedaço generoso, coloco em um pratinho com uma colher. Volto para onde ela está, que abre um sorriso enorme quando vê o bolo.

— Cortesia da casa. — Ela pega o pratinho e, novamente, quando nossas mãos se tocam, aquela sensação que tive na primeira vez que a toquei surge ainda mais forte.

Ela fecha os olhos, aperta seus lábios e sua cara de satisfação me faz ficar feliz.

— Isso está uma delícia — elogia.

— Agradeça às cozinheiras da fazenda, elas têm mãos de fada para comida, não as troco por nada. — Ela leva mais um pedaço à boca.

— Precisa provar os biscoitos, eu e a minha mãe que fizemos. Claro que tivemos a ajuda das funcionárias, mas a receita é nossa. — Antes que eu diga algo, ela me puxa pelo braço. Sei que tenho mais força que ela, mas me deixa levar. Gabriela parece tão animada que não quero estragar a empolgação dela.

Ao chegarmos na sua tenda, ela pede a uma das moças para pegar um café.

— Eu vou buscar os biscoitos. — Gabriela entra em sua tenda e logo Flávio e o tal homem aparecem, rindo de algo.

— Ei, você aqui? — questiona Flávio.

— Prova, trouxe um de cada. — Gabriela surge com um pratinho em mãos. — E também é por conta da casa.

— Vai adorar os biscoitos, minha mãe e minha irmã passaram a noite assando para ficarem bem frescos — murmura o tal homem. — Prazer, me chamo Henrique, sou o irmão da Gabriela.

Por algum motivo, me sinto aliviado em saber que ele é só o irmão dela.

— A noite toda? Deve estar bem cansada — murmuro.

— Que nada, estou acostumada a virar noites, principalmente quando corrigia as provas dos meus alunos.

— É professora?

— Pedagoga, dou aula no ensino fundamental no Rio de Janeiro, quer dizer, dava. Tenho planos de abrir uma escola aqui na cidade com todo tipo de educação disponível e de graça para a população. — Fico surpreso com a sua revelação.

— Viu só, Noah? A moça, além de linda, é gentil e bondosa. — Dou um olhar para Flávio ficar quieto, mas ele ignora. — Noah tinha vontade de fazer esse tipo de projeto, mas nunca achou alguém adequado como professor para auxiliá-lo nisso, parece que agora tem. Isso aparenta até ser coisa do destino. — Eu vou matar o Flávio.

— Bem, acho que seria muito bom ter os dois sobrenomes mais influentes nesse projeto; chamaria mais atenção e poderia conseguir investidores nesse processo. As pessoas da cidade iriam amar — comenta o tal Henrique.

— Eu não sei se seria uma boa ideia. — Me surpreendo com suas palavras.

— Por que, mana?

— Henrique, o senhor Monteiro é casado e sabe como a esposa dele não vai muito com a minha cara. E eu não estou a fim de ir para a cadeia por bater em alguém. Me desculpe, mas sua esposa é um pé no saco. — Rio com as suas palavras sinceras.

— Minha irmã é isso e muito mais, mas para um projeto tão lindo quanto esse, acredito que, para a imagem dela, Suzane não vai se opor — murmura Flávio.

— Irmão dela? — Gabriela indaga surpresa.

— Não se preocupe; sou, mas não queria ser.

— Acho que deveria pensar melhor, irmã, é uma boa causa e esse sempre foi seu sonho. — Ela parece pensativa.

Sinto que, futuramente, isso vai me dar dor de cabeça, mas pela primeira vez, desde que me casei, quero ligar o famoso foda-se e seguir com os meus instintos.

— Podemos marcar uma reunião para discutir sobre esse projeto.

— Você...

— Vai ser um prazer realizar esse sonho, senhorita Castro.

CAPÍTULO 07



GABRIELA CASTRO

Olho no meu relógio vendo que ainda falta meia hora; não deveria, mas estou bem ansiosa com a chegada do Noah para a nossa reunião. Isso é muito estranho, mas parece que meu coração vai sair pela boca com tamanha ansiedade. No evento de ontem, na cidade, conversamos bastante e marcamos a reunião para segunda-feira de manhã.

Acordei bem cedo, tomei um longo banho de banheira e me arrumei mais que o normal. O café da manhã pedi para prepararem o melhor; isso é um saco, ficar dessa forma por um homem, ainda mais ele sendo casado, mas não consigo evitar, é como se fosse um ímã. Tento pensar em diversas coisas, ocupar a mente com outros afazeres, mas no final do dia, quando a minha cabeça está no travesseiro, é esse cowboy que vem na minha mente; às vezes pode ser só abstinência.

Quem eu quero enganar? No fundo sei que isso pode ser tudo, menos abstinência.

— Querida, você vai fazer um buraco no chão de tanto andar em círculos — murmura minha mãe, sentada no sofá e me

observando com seus olhos castanhos, iguais aos de Henrique.

— Só estou ansiosa, ter o apoio dessa família vai ser muito importante e maravilhoso para o meu projeto. — Ajeito a minha blusa pela milésima vez.

— Não acho que seja só por isso... Você está bem bonita hoje, mais maquiada.

— Noah Monteiro é um homem casado, isso seria terrível para mim, mãe.

— Pelo que Henrique contou ele nem ama a esposa, casaram por conveniência ou, como aquele Flávio disse, para pagar uma aposta do pai desse tal Noah.

Algo bem interessante aconteceu. Depois do evento, Henrique convidou Flávio para um almoço no dia seguinte aqui na fazenda e foi maravilhoso, nunca vi meu irmão tão empolgado com alguém. Ele sempre foi discreto com tudo que diz respeito a sua sexualidade, nunca apresentou homem algum à família. Papai nunca gostou de saber que seu único filho era homossexual, mas sempre procurou respeitar e nunca o destratou por isso; ao contrário, só aumentou ainda mais o amor que tinha pelo filho. Depois que Cristiano morreu, Henrique ficou um pouco distante, falava pouco e sequer saía de casa, só ia para o trabalho. Vê-lo tão animado com alguém é lindo, e Flávio é uma figura. Engraçado, comunicativo e muito simpático, fora que é extremamente lindo. Alto, forte, cabelo loiro comprido, olhos esverdeados, e pelo que disse, é irmão gêmeo da tal Suzane,

que destino cruel. Fora que Henrique e ele tem a mesma profissão e funções nas fazendas.

Ao menos ele detesta a irmã tanto quanto eu; já gostei dele e odiei mais ainda ela e essa família Mendes por serem tão desumanos com ele. Só porque é homossexual o rejeitaram, humilharam e até ameaçaram colocá-lo em uma clínica psiquiátrica. Noah entrevistou, mas por culpa do pai, Flávio não conseguia mais emprego, já que sujou a imagem do filho para qualquer empresa de Minas Gerais; porém, Noah vendo tudo isso, o chamou para ser seu contador e pagar uma quantia generosa de salário para ele viver bem. Mesmo com os protestos da esposa ele o contratou, e isso foi bem bonito da parte dele.

Outra coisa que não posso deixar passar foi que o casamento de Noah só aconteceu por causa de uma aposta do pai. Que destino cruel; os Mendes se aproveitaram e essa Suzane estava a par de tudo. Será que Noah sabe da traição do seu pai? Que ele teve um filho com a esposa de Bernardo? Acho que não, mas se ele não contou isso ao próprio filho, algum motivo deve ter; entretanto, não serei eu a lhe contar isso, não é da minha alçada.

— Mãe, o casamento dele sendo uma merda ou não, não me diz respeito. — Tento disfarçar.

— Tudo bem, eu entendo. Ser traído não é bom, e por mais cobra que ela seja, não seria justo, mas não julgaria esse tal Noah se fizesse isso; essa mulher é um porre. — Rio com suas palavras.

— Gabriela, o senhor Noah Monteiro está aqui, deixo ele entrar? — questiona uma das funcionárias.

— Claro, e por favor, coloque a mesa do café; logo vou para lá.

— Está bem. — Ela imediatamente se retira.

— Mãe.

— Tudo bem, eu vou, te espero na mesa do café. Só não pule em cima do homem. — Faço uma careta para ela.

Mas é difícil; quando ele entra pela porta da sala é impossível não sorrir. Por mais que eu tente impedir, não consigo, e fica pior quando ele retribui o sorriso; meu coração parece que vai sair pela boca.

Porra! O que está acontecendo comigo?

— Senhor Monteiro, é um prazer revê-lo. — Estendo a minha mão para cumprimentá-lo e novamente aquela sensação. Acredito que toda vez que nos tocarmos a sensação vai parecer ainda maior.

— Por favor, me chame de Noah. Agora que vamos ser parceiros nesse projeto tão incrível, não vejo problema algum em nos tratarmos com mais intimidade. — Fico completamente vermelha com a última palavra.

Eu nunca corei tanto dessa forma por causa de uma simples palavra.

— Quer dizer... sem formalidades. — Ele parece envergonhado.

Putá que pariu, nunca vi um homem corar na minha vida, mas também nunca pensei que seria umas das coisas mais fofas que veria. Ou será que é por ser ele?

— Tudo bem, Noah; pode me chamar de Gabriela ou Gabi — murmuro.

— Claro, Gabi. — Por alguns segundos a sala ficou em completo silêncio; nos encaramos sem dizer nada, e sinto como se ele estivesse lendo a minha mente nesse momento.

— Bom, pedi para prepararem um café da manhã bem especial, meu irmão e minha mãe estão nos esperando.

— Ansioso para provar. — Por que tudo que ele fala parece ter duplo sentido?

Caminho na frente e ele vem logo atrás; ao chegarmos à sala de jantar, Henrique e Brenda nos encaram bem curiosos.

— Mãe, esse é Noah Monteiro. — Brenda levanta da mesa e, quando ele pega em sua mão para cumprimentá-la, ela olha para mim e arqueia as sobrancelhas de forma rápida.

Já imagino o que ela pensou.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Monteiro.

— Por favor, só Noah. — Caminho até a ponta da mesa e me sento, ele se senta do meu lado.

— Ficamos felizes em saber que quer participar de um projeto como esse; conhecemos sua esposa, e infelizmente ela não parece ser o tipo de pessoa que goste disso.

— Mãe. — A repreendo.

— Tudo bem, eu entendo, Suzane não é sociável com ninguém que tenha menos que ela — comenta.— Mas eu estou aqui e achei a ideia ótima. Sempre pensei em fazer algo do tipo, mas não tinha um profissional de confiança para algo assim. Algumas crianças dos empregados não sabem ler e muito menos escrever, e quero mudar isso para lhes dar melhores oportunidades.

— Sim. Mais tarde vou dar uma volta com Bárbara, uma das minhas funcionárias, quero que ela me apresente todos os demais empregados; não quero só os conhecer bem e as suas funções, mas também saber mais sobre seus filhos e acho que começar por eles é fundamental. — Noah concorda.

— Procurar saber o grau de dificuldade de cada criança nos estudos é importante para ajudá-los no que precisam; vou fazer o mesmo com os meus funcionários ainda hoje.

— Finalmente vai realizar seu sonho, filha. Talvez se empolgue e fique de vez aqui em Ouro Preto. — Noah me olha confuso.

— Como assim? Não pretende ficar de vez na fazenda?

— Ainda não me decidi. Eu tenho minha vida no Rio de Janeiro, nasci lá e só vim para Minas para descobrir mais sobre as minhas origens e colocar em prática esse meu objetivo. Tenho meus alunos lá, que são importantes para mim. Portanto, ainda estou estudando a possibilidade de ficar, mas não é certo.

— Mas para gerir uma escola deve ficar sempre presente, não pode só construir e ir embora. — Ele parece um pouco irritado.

— Eu sei disso, por isso estou...

— Se vai querer fazer isso, tem que estar certa do que quer. É algo importante e, se vou investir, quero que seja algo certo e de comum acordo com ambas as fazendas.

— Acho que vamos deixar vocês sozinhos, coisas assim devem ser conversadas da melhor forma possível. — Henrique balança a cabeça e, junto com Brenda, saem da mesa como foguetes.

— Noah, me desculpe, mas isso não diz respeito a você, é a minha vida e a minha decisão. Há alguns dias eu nem sequer sabia desse lugar, tampouco que tinha pais que só não ficaram comigo por causa de peças pregadas pelo destino. — Ele solta uma respiração pesada.

— Me desculpe, eu não queria falar assim, muito menos me meter na sua vida. Acho melhor voltar outro dia. — Ele se levanta da cadeira e eu vou atrás, me coloco na frente para não o deixar sair da sala de jantar.

— Não precisa se desculpar, estamos aqui para discutir sobre o projeto e falar sobre tudo que é importante; você expôs sua opinião e eu a minha, é assim que são feitos debates sobre importantes assuntos. — Coloco a minha mão espalmada em seu peito, mas confesso que foi algo muito aleatório e involuntário.

Noah me olha com um brilho muito diferente em seus olhos e, novamente, aquele silêncio de mais cedo, onde somente nossos olhares falavam um com o outro. Posso ver claramente suas pupilas alternarem entre dilatadas e normais a cada piscada que ele dá, entretanto, me surpreendo quando ele pega na minha mão espalmada em seu peito e a acaricia de forma lenta, sem desviar o olhar, e me assustando. Ele me segura pela mão e, com uma pegada forte, puxa minha cintura para bem perto do seu corpo, nos fazendo ficar tão próximos que posso ouvir sua respiração e senti-la em meu rosto. Ele é bem alto, meu rosto está levantado e o seu um pouco abaixado para ficar bem perto, e no momento em que ele olha para a minha boca, mordo meus lábios em tamanho nervosismo.

Será que ele vai me beijar? Faz logo, porra!

— Nunca pensei que um dia uma mulher fosse surgir do nada e despertar tantas sensações estranhas em mim. E por mais que isso seja proibido, eu não consigo ignorar. — Fico surpresa diante de sua confissão.

— Então eu não sou a única — murmuro.

— Qualquer coisa que você faça fica guardada na minha memória. Eu te conheci há pouco tempo, como isso é possível? — questiona.

— Eu também queria saber a mesma coisa. — Seu rosto se aproxima mais do meu. Sua mão aperta a minha cintura com mais firmeza e isso me faz ficar toda arrepiada.

— Sua boca é tão linda. — Minha respiração está bem irregular, meu coração parece que vai sair pela boca.

Noah se aproxima ainda mais e sinto o exato momento em que sua boca toca a minha. De forma lenta, a maciez dos seus lábios convidativos me faz esquecer do quão errado isso é, mas nesse momento quero ligar o foda-se por alguns minutos e provar a gostosura da sua língua na minha.

Quando sua boca entra em contato com a minha é como ir ao céu e ao inferno ao mesmo tempo. A sua outra mão vai para a minha nuca e eu jogo os meus braços em volta de seus ombros largos e definidos. O beijo fica tão intenso, que só com uma mão ele impulsiona meu corpo para cima e eu, como uma louca, o ajudei e agora estou enroscada em seu colo, ao beijos.

— Puta que pariu, que boca — murmura entre beijos.

Quando o beijo para, encostamos as testas uma na outra, com nossas respirações entrecortadas.

— Isso foi intenso demais — comento e ele sorri.

— Por que o proibido parece ser tão convidativo?

— Não sei, nunca fui chamada de proibida. — Noah ri.

— Você não existe.

— Isso que aconteceu aqui ninguém pode saber, nem mesmo Flávio ou Henrique. — Ele balança a cabeça em concordância.

Sinto que isso ainda vai dar pano pra manga.

CAPÍTULO 08



NOAH MONTEIRO

Ao chegar em casa vou direto para o chuveiro, tomo um banho gelado para poder relaxar e tentar abaixar o tesão louco que essa mulher me deixou. Porém, acho que vai ser uma tarefa muito difícil, ainda mais depois de experimentar aqueles lábios carnudos, sentir aquela bunda gostosa na minha mão. O pior foi disfarçar tudo isso na frente do seu irmão e da sua mãe. Fingir que não havia nenhuma tensão sexual entre nós foi um desafio, mas no final correu tudo bem; me despedi dela normalmente e vim o mais rápido que pude para a fazenda.

Saio do banheiro ainda nu e caminho para o *closet*, visto uma cueca box azul escura, uma calça jeans clara e uma blusa de manga comprida da cor vermelha, bem escura. Pego a bota que estava usando e a coloco. Dou uma breve olhada no espelho antes de colocar meu chapéu.

Nunca fui um homem muito vaidoso, mas sempre busquei andar bem arrumado. Morar no interior não é desculpa para andar de qualquer forma, ainda mais que por diversas vezes tenho de lidar pessoalmente com fornecedores ou novos clientes.

Desço as escadas da minha fazenda, que é do mesmo tamanho ou um pouco maior que a De Lins, móveis bem rústicos e uma decoração em azul-escuro e branco, com quadros em diversos cômodos pintados pela minha mãe. Maria era o nome dela. Meu pai e ela se conheceram em uma feira de pintura; ele sempre foi apreciador de obras de arte e o tempo todo diz que a minha mãe foi a melhor e a única artista verdadeira que encontrou. Antônio tinha acabado de vender uma parte da propriedade para o Bernardo de Lins, já que uma praga muito forte veio e destruiu boa parte da produção de trigo. Com o dinheiro da venda de parte da fazenda ele se reergueu; estava indo tudo muito bem, nunca fomos muito prósperos, mas então minha mãe veio a falecer vítima de um câncer que já estava avançado e o mundo do meu pai caiu. Ele se entregou ao vício de bebidas, logo depois começou a fazer apostas e foi assim que fui obrigado a me casar com essa mulher por quem nem sequer tenho carinho.

Ao chegar no hall vejo Suzane chegar, ela abre um sorriso enorme.

— Meu amor, tenho novidades. — Ela tenta me beijar, mas eu desvio. — Deveria me tratar melhor; sou sua esposa, seu imbecil!

— Diga o que quer de uma vez.

— Encontrei um jeito de destruir aquela mulher para sempre e tomar posse daquela fazenda para nós.

— Nós? Eu já disse que não quero nada da De Lins e mandei você parar com essas ideias absurdas. — Ela ri.

— Mandar? Querido Noah, você não é nada para mandar em uma mulher como eu... Um marido que mal comparece na cama não tem sequer o direito de exigir alguma coisa. — Me mantenho sério.

— Não sou eu quem me contento com migalhas. Pelo que sei, também não sou eu que a procuro quando quer foder. — Ela tenta acertar um tapa em meu rosto e eu seguro. — Se tentar isso mais um vez eu não respondo por mim, não sou capacho seu para deixar que faça o que quiser comigo.

— Você é a porra do meu marido! Aja como um e me apoie. Deveria beijar meus pés! Por minha causa a fazenda do viciado do seu pai está em suas mãos.

— Não seja hipócrita. Acha que não sei que foi você, com a ajuda da bruxa da sua mãe, que convenceram seu pai a fazer essa proposta tosca? — Ela arregala os olhos.

— Quem te contou isso? O *viadinho* do Flávio? Aquele merdinha... Ainda bem que não é mais conhecido como meu irmão, tenho nojo só de imaginar que eu e ele somos gêmeos. — Me seguro para não fazer uma besteira.

— Quando isso tudo me encher o saco, esse faz de conta que você colocou na sua cabeça vai sumir. Vou querer o divórcio e você longe de mim! — Passo por ela para sair da casa.

— Você só vai se ver livre de mim se algum de nós morrer. Além disso, posso acabar com a sua vidinha de cowboy. — Mostro o dedo do meio e não dou oportunidade para ela dizer mais nada.

Enquanto caminho para o mais longe possível da fazenda, penso seriamente se vale tão a pena assim manter a palavra de homem e continuar com toda essa merda que estou tendo de lidar.

GABRIELA CASTRO

CINCO DIAS DEPOIS

Noah e eu não falamos mais sobre a nossa primeira reunião, que resultou naquela pegação na sala de jantar. Esse homem se fixou ainda mais na minha cabeça e sinto que isso não é só uma mera atração, como eu havia cogitado. O que me deixa assustada demais, pois nunca senti isso por ninguém. Minha vida de solteira sempre foi agitada e gostava bastante disso. Nunca disse que não namoraria, só apenas não tinha encontrado alguém que me fizesse cogitar tal ideia.

E justo com um homem proibido você está pensando sobre isso?

Droga! Isso é um porre. Ficar caidinha por alguém casado só pode ser castigo por ser tão safada.

— Gabriela. — Olho para a porta e vejo Albert me encarar.

— Olá Albert, como está tudo na fábrica? — Ele entra e fecha a porta.

— Bem, está tudo indo muito bem, não precisa se preocupar, mas meu motivo de vir aqui foi outro. — Ele estende um jornal para mim e o olho, confusa.

— O que houve?

— Acho melhor ler. — Puxo o jornal e, ao ler a primeira página, sinto uma raiva tremenda.

“Uma herdeira? Sim, a tão famosa fazenda De Lins tem uma dona, é isso mesmo! Todos nós estamos bem surpresos com essa revelação que nos foi dada, e já sabemos quem é a sortuda. Gabriela Castro, fruto de um caso que Bernardo De Lins teve com uma empregada. Sim, meus queridos leitores, o tão magnífico Bernardo De Lins era homem de pular a cerca e, em um desses pulos, surgiu essa moça que recentemente foi vista no evento da cidade de Ouro Preto. Pelo que alguns moradores relataram, a moça é extremamente simpática e atenciosa, mas ouvi rumores de que tudo isso não passa de fachada para ganhar a confiança do povo da cidade e assim abafar o que todos devem estar se perguntando: quem é a mãe de Gabriela Castro? Nossa fontes revelaram que ela foi deixada em um orfanato quando a mãe morreu vítima de um assalto e depois adotada por essa tal família Castro, que vive com ela na fazenda. Que horror! Além de sua traição ter rendido um fruto, Bernardo De Lins nem sequer quis saber da filha? É isso mesmo! Nossas fontes também nos disseram que ela só assumiu os bens da família porque o advogado e amigo, Albert Andrade, a procurou para que a fazenda não fosse vendida por falta de herdeiros. Então, meus amigos, a pergunta que não quer calar é:

se não fosse isso, se algum filho de Bernardo de Lins estivesse vivo, essa moça teria alguma parte da herança ou continuaria largada em algum canto do Brasil, como seu pai a deixou?”

Amasso o jornal e arremesso longe.

— Quem contou essa merda para o jornal? E ainda disseram mentiras!

— Eu não sei. Estou tão surpreso quanto você. Por mais que algumas alegações sejam falsas, outras são verídicas, mas nem mesmo Suzane sabia como sua mãe morreu.

— Isso aqui é uma sacanagem e das grandes. Eu vou até a merda desse jornal tirar tudo isso a limpo. — Me levanto da mesa e ignoro as palavras de Albert, que me segue.

— Filha, o que aconteceu? — Minha mãe me olha preocupada.

— Você já viu a bosta do jornal de hoje? — indago enfurecida.

— Sim, todos viram, mas sabemos que são mentiras, não tem porque ficar assim.

— Como não ficar? Alguém pegou a minha história e distorceu tudo para esse bendito jornal. Eu vou ameaçá-los se não se retratarem e me disserem quem contou isso para eles. — Volto a caminhar, mas paro abruptamente quando alguém surge na porta.

— Bom dia, vim... Está tudo bem? — Noah me encara, confuso.

— Noah, agora não, preciso matar alguém! — Ameaço sair, mas ele me segura.

— Ei, vamos ter calma. Se foi sobre o jornal eu vi essa manhã, mas achei que não ficaria tão puta da vida com isso. Tudo é mentira, quer dizer, uma parte.

— Eu vou fazer esse jornal virar do avesso se não me disserem quem contou essas histórias. — Tento sair novamente, mas Noah me segura. — Sai da porra da frente!

— Claro que não vou sair. Os jornais daqui tendem a ser piores se você fizer alguma besteira. Então, mocinha, aquieta o seu rabo em casa. — Começo a rir.

— Você não me conhece e não é ninguém para falar assim comigo!

— A conheço o suficiente para saber que se você sair pela porra dessa porta, vai ferrar todo o projeto que estamos tentando fazer juntos. E eu não vou deixar a sua raiva estragar tudo. — Soco o seu peitoral, mas meio que é inútil.

— Sai do caralho da minha frente, peão!

— Parem com essa discussão — interfere minha mãe.

— Se não se acalmar e agir como uma adulta, eu vou fazer algo que não vai gostar.

— Não tenho medo de você, Noah Monteiro. — Me assusto quando ele me pega pelas pernas e me joga em cima de seus ombros.

— Quer agir como uma maluca das cavernas? Então vou agir também.

— Me solta! — Começo a socar as suas costas, mas é como socar uma parede ou algo parecido, já que logo a minha mão começa a doer.

— Senhora Castro, onde fica o quarto dela?

— Última porta do corredor, lá em cima. — Começo a gritar quando ele caminha comigo em cima de seus ombros.

— Uau, o que está acontecendo? Por que o Noah está com a Gabriela nas costas? — Ouço a voz surpresa de Flávio.

— Flávio, se sua irmã perguntar algo, só diga que tive de ir à capital resolver algumas coisas. Essa senhorita aqui precisa esfriar a cabeça antes de pôr os pés lá fora. Henrique, Albert, se encarreguem dos assuntos da fazenda, por enquanto. — Arregalo os meus olhos.

— Quem você pensa que é para dar ordens na minha fazenda? Me ponha no chão, agora! — Ele continua a caminhar sem dizer nada, ignorando todos os meus protestos.

Ao chegarmos em meu quarto ele abre a porta e ouço o barulho do clique quando a tranca. Sem cerimônia, me joga em cima da minha cama.

— Sai da minha casa, agora! Você não faz ideia do que é ter uma pessoa querendo destruir o pouco da história que você escutou da sua família, acabar com a honra deles, e meus pais nem sequer estão aqui para se defender! — Sem dizer nada, o vejo começar a tirar a blusa e fico bem confusa com seu ato. — O que está fazendo?

— Algo que deveria ter feito há muito tempo. — Agora está tirando as botas e logo depois retira sua calça, junto com a cueca. Fica impossível não olhar para baixo, o pau desse homem é enorme e está duro feito pedra.

Misericórdia! Até esqueci o que ia falar.

— Noah...

— Se me disser que não tem nenhuma vontade eu pego as minhas roupas, me visto e fingimos que isso não aconteceu.

— É um golpe baixo, estou há um tempo em abstinência. — Ele se aproxima ainda mais.

Que pau!

— Só responder.

— Como eu imaginei esse pau dentro de mim — murmuro e Noah sorri.

— Não tem porque ficar só na imaginação.

— Mas e a sua...

— Eu dei entrada no divórcio hoje. Ela não sabe disso ainda, mas já estava ciente de que poderia acontecer. Eu cansei dessa vida miserável. Não me importo se perder a minha fazenda, contanto que eu seja feliz. — Ele vai se aproximando, deitando por cima de mim; quando todo o meu corpo está deitado, Noah diz: — E por mais maluco que seja, por mais que seja pouco tempo, os momentos que passo ao seu lado são os melhores que poderia ter em minha vida.

— Não fala assim, homem, que fica impossível te negar algo.
— Ele abre o sorriso que tanto gosto.

— Não vou forçar você a nada, mas acredito que do mesmo jeito que eu preciso esquecer o mundo a minha volta você também precisa, nem que seja por algumas horas.

— Eu tenho medo de me apaixonar por você e me machucar
— confesso.

— Que pena.

— Por quê? — questiono.

— Eu já estou apaixonado por você, desde a primeira vez que a vi. Você não sai da minha cabeça.

— Porra, homem... Me coma, agora!

CAPÍTULO 09



GABRIELA CASTRO

Noah me ajuda a me livrar de toda a minha roupa. Ao me deitar novamente na cama, ele não perde tempo e cobre meu corpo com o seu e me beija; devoro cada centímetro da sua boca com voracidade, matando a saudade que senti de ter sua boca na minha novamente. Devagar e com delicadeza, ele começa a beijar todo o meu rosto e vai descendo, mordisca meu pescoço e depois o lóbulo da minha orelha; sinto todo o meu corpo se arrepiar com cada toque que sua boca dá em minha pele. Noah volta a caminhar com a boca pelo meu corpo e quando chega em meus seios, antes de abocanhar um deles, ele me olha e dá um sorriso safado.

Porra! Nunca pensei que uma chupada no peito poderia me fazer quase gozar.

— Que delícias, cabem bem gostosos na minha boca. — E abocanha o outro enquanto, com os dedos, brinca com o mamilo sensível da chupada anterior.

Gemo sem me preocupar se vão ouvir. Sua tortura continua quando sua boca volta a trilhar o caminho do meu corpo; ele vai

descendo, beijando e mordiscando cada centímetro, até que chega onde eu tanto queria. Ele passa o dedo nela e leva à boca.

— Tão molhada, que gosto delicioso. — Sua boca devora cada parte da minha boceta; sua língua nervosa passeia em meu clitóris com movimentos circulares e vou à loucura quando sinto dois dedos me penetrarem bem fundo, atingindo o meu ponto G.

Merda! Eu vou gozar assim, e bastante.

Sem pudor ou pena ele continua ali e me contorço sentindo o prazer se aproximar; finco minhas unhas na cama e, com certeza, não só furou os lençóis, mas acredito que o colchão também.

Estou tão perto, mas fico puta quando o infeliz para no momento crucial.

— Porra, o que você... — Paro de falar quando ele me puxa pelo pés, me coloca na beirada da cama, levanta um pouco minhas pernas e, antes de colocar, ele diz.

— Vou te comer tanto que quando andar vai se lembrar que eu estive dentro da sua boceta. — E com isso ele enfia seu pau em mim.

Meu gemido sai muito alto. Ele leva uma mão ao meu pescoço e aperta de uma forma bem gostosa enquanto seus movimentos são rápidos, um vai e vem frenético e gostoso. Noah ruge feito uma fera quando o seu orgasmo está prestes a acontecer, assim como o meu.

E foi instantâneo. Quando eu gozo ele retira seu pau de dentro de mim e lambuza a minha barriga com todo o seu esperma. Eu fico ofegante, minhas pernas estão bambas e um sorriso de satisfação surge em minha boca.

— Minhas pernas parecem gelatinas — murmuro.

— Que pena, porque você não vai senti-las por alguns dias. — Por alguns segundos o olho, confusa, mas a confusão some quando ele me pega no colo e me encosta na parede. — Quando te peguei no colo, na reunião, fiquei me perguntando como é a sensação de ter sua boceta em meu pau nessa posição. — Solto um gemido quando sinto seu pau, agora devagar, entrar na minha boceta novamente; ele geme a cada centímetro que entra em mim.

— Eu já estou excitada de novo — murmuro com um tesão ainda maior. Ele sorri.

— Ô diabinha, terá pau o dia todo.

Já estava anoitecendo quando Noah ejaculou novamente, mas dessa vez, na minha boca. Engulo com prazer e o safado morde os lábios com essa cena; passo o polegar no canto da boca para não deixar uma gota sequer e enfio na boca enquanto ele sorri.

— Olha, se quer me deixar excitado de novo, vai conseguir. — Me puxa para deitar ao seu lado na minha cama.

— Que homem insaciável, acho que vou gostar disso.

— Acho que devemos sair do quarto e mostrar que estamos vivos; sua mãe e seu irmão devem estar preocupados. — Me aconcheço em seu peitoral.

— Para não terem batido aqui, devem imaginar o que passamos o dia fazendo. — Ele ri.

— Eu acho que foi Suzane que contou aquilo para o jornal. — Me sento na cama para encará-lo.

— Como? Ela não sabia o que tinha acontecido com a minha mãe, como ela havia morrido.

— Você não a conhece. Suzane é capaz de muitas coisas para conseguir o que quer, fora que ela é a única pessoa que acredito que queira te prejudicar.

— Ela é sua esposa, como pode dizer isso dela? — O vejo soltar uma respiração pesada.

— Suzane casou comigo sabendo que não a amava. Ela e a mãe fizeram a cabeça do pai para me obrigarem a casar em troca de salvar a fazenda. Só que eu cansei de tudo. Vivo em um casamento em que não sou feliz, nem sequer tenho carinho por ela; estamos o tempo todo nos ofendendo. Eu fico a maior parte do dia fora de casa para fugir da merda que a minha vida se tornou desde o dia em que me casei com ela. — Posso ver a tristeza em seu olhar.

— Mas ela te ama. — Noah ri.

— O que ela sente por mim é tudo, menos amor. Digamos que é só um capricho de menina mimada, ou obsessão, já que desde a adolescência ela me perturbava para namorarmos.

— Acha que ela vai dar o divórcio assim tão fácil?

— Duvido, mas recentemente eu descobri algo que pode me ajudar. — Ele se levanta da cama e caminha até sua calça, a pega e tira um pequeno envelope do bolso, me entregando em seguida.

Ao abrir fico chocada ao ver do que se trata. São fotos de Suzane com outro homem, entrando e saindo de um motel, e sempre o mesmo; em algumas ela está de mãos dadas com o sujeito e até mesmo se beijando em um restaurante.

— Faz um ano que Suzane vai toda semana para Belo Horizonte, alegando querer ver seus pais. Eu não me importava, aquilo me dava paz por alguns momentos, mas um dia, no meio das coisas dela achei um bilhete, dizendo que estava com saudade e que eram para se encontrar no lugar de sempre. Liguei para o pai dela, perguntando se Suzane estava lá, e ele me disse que fazia meses que não a via. Foi quando tive a ideia de contratar um detetive particular. Ele foi tirando as fotos e só pedi para me revelar algo se estivesse com todas as provas necessárias. Ontem ele veio à minha fazenda pessoalmente, me entregou isso e ainda me disse que, aparentemente, a bruxa da mãe dela a acoberta. — Fico em choque.

— Noah, eu sinto muito. — Ele dá um sorriso fraco.

— Por um lado estou feliz. Agora tenho todos os motivos para me livrar dela, mas por outro me sinto um imbecil. Vivi três anos em um casamento que, por mais merda que fosse, a respeitava. Me senti um imoral quando comecei a cobiçar você e agora vi que eu fui um otário, que deveria ter ouvido mais o Flávio e meu pai. Nunca traí a minha esposa, nem sequer a ideia havia passado na minha cabeça, pois acho traição uma coisa horrível, mas aí recebo essas fotos e vejo que sou um babaca. — Por alguns segundos lembro do que Ilda falou sobre Antônio, pai de Noah, e agora tenho a mais absoluta certeza que ele não sabe da traição de seu pai para com sua mãe.

— O importante é que agora vai poder se ver livre dela e viver sua vida em paz — murmuro, tentando consolá-lo.

— Acho melhor descermos. — Ele pega a cueca e veste.

— Vai ser interessante o Flávio e o Henrique com as piadinhas deles — digo tentando amenizar o clima.

— Flavio vai me aplaudir e depois me xingar quando souber que a irmã dele, na verdade, foi a traidora.

Ao descermos, escutamos vozes e gritos histéricos vindos do *hall*. Ao chegarmos lá Suzane berrava, seus olhos pararam em nós dois e pude ver o ódio neles.

— Além de roubar a fazenda, que era para ser minha, quer roubar meu marido? Que mulher baixa — fala com ódio.

— Suzane, acho melhor ir embora. — Ela ri.

— Embora? É muita cara de pau você dizer isso para mim quando, visivelmente, estavam lá em cima transando. Você é um merda! — Penso em retrucar, mas Noah toma a frente.

— Saia daqui, agora!

— Esse *viadinho* do meu irmão se bandeou para o lado dessa bastarda e está fazendo a sua cabeça.

— Olha só, vaca do caralho, não me envolve nisso. E se ele te chifrou, bem feito. — Vejo Henrique segurar o riso e minha mãe não muito atrás.

— Quando iria me contar? — Noah pergunta e Suzane o encara, bem confusa.

— Contar o quê? Está louco? — Ele joga o envelope com as fotos em cima dela; ela pega e posso ver o momento em que Suzane fica branca e arregala os olhos.

— Sobre o seu amante, que você tem há exatamente um ano em Belo Horizonte. — Ouço um “uau” de Flávio.

— Do... que está falando? Essa piranha...

— Meça as suas palavras antes de abrir essa maldita boca para falar mal da Gabriela. Vou perguntar só mais uma vez: quando ia me contar sobre o maldito do seu amante? — E pela primeira vez vejo Noah com raiva.

— Queria o quê? Que eu desse uma de puritana e ficasse intocável? Você não é nem homem para comer a própria esposa, tive que encontrar um. — Ameaço avançar nela, mas Noah levanta o braço, me impedindo.

— Por mais merda que nosso casamento fosse, nunca passou pela minha cabeça trair você. Sempre achei isso horrível e, mesmo você merecendo, nunca tinha nem sequer cobiçado nenhuma mulher desde que casei com você. E agora descubro que fui um imbecil em te respeitar por todo esse maldito tempo! — Me assusto com o grito dele, que está furioso.

— Você não tem moral para falar comigo quando estava agora há pouco se esfregando com essa bastarda. — Noah ri com ironia.

— Suzane, você me trai há um ano, com a ajuda da bruxa da sua mãe, e quer falar de moral comigo? Pois bem, você é uma vagabunda! Casou comigo sabendo que não te amava; colocou na cabeça que me forçando a casar com você eu milagrosamente iria me apaixonar, e eu, ingênuo, no fundo também pensei isso, mas adivinhe? Se não conseguiu isso desde a nossa adolescência, quem disse que em um casamento forçado seria diferente? Sua mãe e você são cobras que manipulam seu pai. Eu tenho pena dele por ter duas vacas ao lado!

— Você é um frouxo como homem, um marido de merda, que vai me pagar muito caro por essa humilhação.

— Faça o que quiser, eu quero o divórcio. Hoje cedo já liguei para o meu advogado agilizar tudo. — Ela começa a rir.

— Isso só por cima do meu cadáver. E se continuar a insistir nessa ideia maluca, eu vou destruir a sua vida.

— Se você não me der a porra do divórcio, assim como deu as informações distorcidas de Gabriela para o jornal, não só essas fotos, mas as informações que eu tenho vão parar em todos os jornais do Brasil. Não me importo de sair como o corno da história, desde que isso signifique ter você longe de mim. — As lágrimas descem dos olhos dela, que estão cobertos de puro ódio.

— Eu prefiro ver você morto do que com outra mulher. Acho melhor pensar no que está dizendo, você não me conhece. — Noah estava certo, ela é obcecada por ele.

— É exatamente por te conhecer que quero você longe de mim. O chifre que te coloquei hoje não paga um ano dos que colocou em mim. Agora você vai para a fazenda pegar suas coisas e sumir da minha frente, senão eu ligo para a polícia. — Um sorriso frio e estranho se abre na boca de Suzane, que se aproxima de Noah e diz:

— Pode ficar tranquilo, eu vou sair de lá, mas você vai perder tudo e eu vou ter o prazer de levar o meu amante para dentro da sua casa e foder com ele na sua cama, onde nem para isso você

serviu. — Sem dizer mais nada ela se vira e sai. Vejo os ombros de Noah relaxarem quando não vemos mais Suzane.

— Noah, quando ia me contar esse babado da Suzane? —
questiona Flávio.

— O importante é que agora estou livre dela. — Essas palavras me fazem questionar na minha cabeça.

Será?

CAPÍTULO 10



NOAH MONTEIRO

DOIS DIAS DEPOIS

Minha vida mudou bastante desde que Suzane foi embora da minha casa há dois dias. Depois daquela discussão na casa da Gabriela, esperei algumas horas e fui para a minha fazenda, chegando lá não encontrei com Suzane ou suas coisas, ela de fato foi embora e parece que junto levou toda a negatividade do ambiente. Minha noite de sono foi a melhor que tive desde que me casei com ela; me permiti dormir até mais tarde para relaxar mais. Algo que me surpreende é Álvaro, pai de Suzane, não ter ligado para me encher o saco, porém, esse silêncio deles me deixa um pouco preocupado; Suzane é muito vingativa e com certeza deve estar armando alguma coisa para me perturbar.

— Bom dia, flor do dia. — Me assusto quando vejo Flávio na mesa do café da manhã.

— Quando chegou aqui?

— Vim ver como estava; cheguei aqui quase agora, aproveitei e me convidei para um café da manhã com meu ex-cunhado.

— Eu estou bem, mas acho que já tive muitas coisas sobre mim esses dias. Quero saber sobre você e o irmão da Gabriela. — Vejo Flávio abrir um sorriso.

— Ele me pediu em namoro ontem à noite, em um jantar íntimo que ele mesmo preparou no jardim da fazenda sob a luz do luar e das estrelas. — Me surpreendo.

— Nossa, isso parece ser bem bonito. E pela cara de felicidade, você aceitou.

— Claro que sim, aquele homem na cama é um absurdo! Estou bem dolorido de ontem à noite, depois do pedido. — Caio na gargalhada. — Mas e você e a Gabi, como vai ser daqui para frente?

— Ontem à tarde conversei com ela, falamos sobre um futuro relacionamento depois do meu divórcio, mas nós dois combinamos de deixar acontecer de forma natural, sem pressa, e ver se até o processo encerrar é o que realmente queremos. Porém, achamos melhor manter nossa relação em absoluto sigilo, não quero escândalos; essa cidade é bem acolhedora, mas depois da manchete que aquele jornal soltou sobre a Gabriela, para fazerem mais comentários maldosos pouco custa. — Coloco um pouco de café na xícara de porcelana.

— Concordo, é a melhor opção, mas não deixe a oportunidade de ser feliz escapar de seus mãos. Gabriela é uma mulher incrível. — Balanço a cabeça em concordância.

— Hoje vai ter a plantação na fazenda dela. Gabriela está bem animada de ver algo assim pela primeira vez e prometi a acompanhar, vamos?

— Mas é claro que vou.

— Pedro — chamo um de meus peões.

— Sim, senhor.

— Prepare o Marco por favor, daqui a pouco vou sair e preciso dele. — Ele acena concordando e logo se retira.

— Por que vai a cavalo até a fazenda da Gabi se é aqui do lado?

— Vou ensiná-la a montar.

— Com o Marco? Esse cavalo uma vez quase deu um coice na Suzane e em mim; ele é bravo demais. Acho melhor levar um mais calmo ou usar algum da fazenda dela mesmo. — Levo um pedaço de queijo branco à boca.

— Bem, se ela conseguiu domar o dono, por que não o cavalo? — Ele ri.

— Tudo bem, mas se ela se machucar, meu Henrique vai te matar.

Mal chego na fazenda e sou recebido da melhor forma possível. Puxo o corpo de Gabriela para mais perto depois que ela veio correndo e pulou no meu colo.

— Pelo visto, não fui só eu que senti saudade. — Ela beija meus lábios e logo em seguida desce do meu colo.

— Eu tenho que parar de fazer isso, prometemos ser discretos, mas fica impossível me controlar quando estou perto de você. — A puxo para beijá-la novamente.

— Preparada para sua aula de montaria? — Ela sacode a cabeça, afirmando com bastante alegria.

— Pedi a um dos peões para separar um dos cavalos para mim.

— Tudo bem, mas antes quero te apresentar o Marco. — Gabriela me olha bem confusa quando caminho para fora da fazenda.

Ando até meu cavalo e ela arregala os olhos.

— Uau, ele é enorme e o pelo dele brilha bastante. É lindo — confessa bem surpresa.

— Chega perto. — Acaricio meu companheiro de anos.

— Não, ele pode me estranhar.

— Pare de bobeira, os animais sentem mais medo de nós do que nós deles. — Ela pondera por alguns segundos, mas logo se aproxima cautelosamente.

— Marco, quero te apresentar uma pessoa muito especial para mim — murmuro para tranquilizá-lo; com medo, ela tenta tocar ele, mas ele solta um relincho que a assusta. — Calma, amigão, vai gostar dela também. — Pego na mão de Gabriela e devagar aproximo da cabeça dele e, quando ela toca, eu solto e a deixo à vontade. Alguns minutos depois ela chega mais perto, praticamente o abraça e o safado gosta.

— Acho que você perdeu seu cavalo — murmura zombeteira.

— Agora vamos montar nele e você vai guiá-lo. — Ela me encara surpresa.

— Noah, isso não vai dar certo.

— Nunca vai saber se não tentar. Vem, eu te ajudo. — Estendo a mão para ela e, com a minha ajuda, a coloco na frente e subo também, ficando atrás dela.

— O que eu faço agora?

— Essas são as rédeas do cavalo, com ela você controla para que direção deve ir. Caso queira parar, mantenha os pés para baixo e os ombros para trás. Para fazê-lo andar, pode dar leves batidas com os pés nas laterais ou sacudir as rédeas; isso depende de cada

cavalo, mas já te ajuda. — Ela faz exatamente o que peço e, para uma primeira vez, se sai bem.

— Oh meu Deus! Estou montada em um cavalo. — Rio com a sua expressão de alegria.

— Agora pode guiá-lo para onde quiser, mas vá devagar, se ele for muito rápido talvez não consiga parar e podemos cair e nos machucarmos. — Sem dizer nada, Gabriela segue as minhas instruções e começa a nos conduzir; fico um pouco impressionado com a facilidade que ela tem de aprender as coisas, isso é muito bom.

Me mantenho quieto e só a observo; pelo caminho que ela está guiando Marco, já imagino onde vamos parar. Coloco a mão em sua cintura e só em tocá-la sinto todo o meu corpo acender. O poder que essa mulher tem sobre mim é inacreditável.

Ao chegarmos na cachoeira, Gabriela me surpreende novamente quando para o cavalo, seguindo exatamente as instruções que lhe dei, e só precisei falar uma vez. Primeiro eu desço do cavalo e depois a ajudo a desmontar.

— Olha, estou muito surpreso. De primeira acertou algo que para muitos precisa ser repetido várias vezes para pegar o jeito. Parabéns! — Ela abre o mais lindo dos sorrisos.

— Sempre tive facilidade para aprender as coisas, desde pequena só tirava as melhores notas da turma, por isso me formei cedo.

— Sério? Deixa eu adivinhar, com dezesseis anos?

— Exato! Com vinte anos já estava formada em Pedagogia e consegui meu primeiro emprego com indicações de professores da minha faculdade; estou nele há cinco anos — murmura ao se sentar perto de uma árvore.

— Isso é bem interessante; eu me formei em Agronomia e quase me fodi em algumas matérias, tive de repetir um ano para poder, finalmente, passar. Por mais que adorasse o campo, estudar nunca foi meu forte, mas hoje estou aqui, com trinta anos e com um bom negócio na área que escolhi.

— Fazer o que amamos nos dá um sentimento incrível. Fazemos com mais dedicação, carinho e o principal, amor. — Ver os olhos dela brilharem fez meu coração disparar. Gabriela é uma mulher tão sonhadora e ao mesmo tempo batalhadora, e por mais difícil que a situação pareça estar, ela ergue a cabeça e segue em frente.

— Sente saudades do Rio?

— Um pouco; eu cresci lá, tenho amigos que sempre me mandam mensagens perguntando como estou e quando vou voltar, mas sinceramente, não sei. Minha vida deu um giro gigantesco! Antes eu era uma professora do fundamental, morando em uma casa simples em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, e agora estou aqui, em Minas Gerais, na cidade de Ouro Preto, gerenciando uma fazenda e propriedades de meu pai, um homem que eu achava que nunca me quis; só que, na verdade, minha mãe e ele tiveram

destinos ruins e não puderam ficar comigo por fatalidades e desencontros do destino. Ainda estou digerindo toda essa história. — Ela fica pensativa por alguns segundos, e antes de abrir a boca para falar, ela leva uma de suas mãos ao meu rosto e acaricia, olhando nos meus olhos. — E para me deixar ainda mais confusa, conheci um peão maravilhoso que teve um destino horrível ao ser obrigado a casar com uma megera. Um peão que desde a primeira vez que o vi não saiu mais da minha cabeça; um homem proibido que me fez pensar sobre ter um relacionamento, que me seduziu com tudo que tinha.

— E o que seria esse tudo? — questiono curioso.

— Esses olhos azuis maravilhosos, esse sorriso de molhar calcinha, essa boca habilidosa, essa barba que o deixa ainda mais delicioso, a voz grossa que me faz ficar excitada só de ouvir e esse toque que sempre parece fazer correr uma corrente elétrica pelo meu corpo, e sinto que a corrente é maior a cada toque. — Abro um sorriso com a sinceridade de suas palavras, me aproximo mais dela e beijo suavemente seus lábios; quando nos afastamos, ela diz algo que faz meu coração pular de alegria.

— *Eu estou apaixonada por você, Noah Monteiro.*

CAPÍTULO 11



GABRIELA CASTRO

DUAS SEMANAS DEPOIS

Acho que nunca me senti tão completa em toda a minha vida. Conhecer Noah foi a melhor coisa que podia ter me acontecido; ele é um homem tão maravilhoso que até mesmo me pego questionando várias vezes se mereço tal felicidade.

Henrique e Flávio estão igual ou pior do que eu, e para deixar a coisa ainda mais interessante, minha mãe e Albert tiveram um encontro ontem. Isso mesmo, e olha que desde a morte do meu pai nunca vi Brenda tão feliz! Henrique e eu ficamos extremamente felizes pela animação da nossa mãe, e Albert é um bom partido para ela.

Sobre a plantação, foi algo bem legal de se ver. Noah foi comigo, depois do passeio na cachoeira, acompanhar tudo e me explicou algumas coisas sobre como funciona o processo de pôr as sementes na terra e cuidar para que elas cresçam bem prósperas. Os peões da fazenda encarregados desse processo sanaram as dúvidas que eu tinha enquanto acontecia o processo de plantação e isso me deixa feliz, pois os funcionários da fazenda me acolheram

com tanto amor e simpatia que os vejo como da minha família; todos se acostumaram a me chamar de Gabi ou Gabriela, as crianças então, quando as ouço me chamar de tia, me derreto toda. Amo crianças e tenho o sonho de um dia ter meus filhos. Ainda não aprendi o nome de todos os funcionários, mas todos os dias dou uma volta pela fazenda para cumprimentá-los e inspecionar como anda o trabalho de cada um.

Outra coisa que também está muito bem é sobre o projeto da escola; reuni todos os funcionários para informar sobre essa ideia e nem preciso dizer que amaram. Me surpreendi quando alguns peões, que pararam em uma determinada série ou os que não sabem ler ou escrever, me perguntaram se poderiam estudar também. Isso era algo que eu não havia pensado, mas depois conversei com Noah sobre essa questão e ele adorou. Ontem fomos ver o terreno onde será construída a escola e já contratamos a empresa que vai cuidar do desenho dela e a outra que vai cuidar da construção.

Essa novidade estampou as primeiras páginas de jornais locais e do Estado. Passou até mesmo na televisão, e só estamos recebendo elogios de todos.

Hoje é véspera de Natal e todos estão atarefados com os preparativos; os funcionários vão participar, por isso mandei montar uma mesa enorme no jardim da fazenda, com enfeites de luzes e algumas decorações natalinas.

— Cunhada, a decoração do jardim está fabulosa — murmura Flávio ao entrar no meu escritório.

— Eu estou bem empolgada, ontem fui a Belo Horizonte comprar os presentes das crianças, será que vão gostar?

— Mas é claro que vão! Que criança não gosta de receber presentes no Natal? Fora que elas te amam, e seus funcionários a idolatram como uma deusa. Você chegou aqui e parece que deixou a fazenda com bastante cor e alegria. — Abro um sorriso enorme.

— Só estou sendo eu mesma. Acho importante essa aproximação com os funcionários, afinal, eles são como eu ou qualquer patrão dessa casa, não tem porquê tratá-los com inferioridade ou desprezo.

— Você é extremamente o oposto da minha irmã. Eu não sei se Noah te contou, mas uma vez ela quase bateu em uma empregada só porque a moça esqueceu de lavar uma de suas roupas favoritas. — Arregalo os olhos.

— Que horror! Me desculpe, mas sua irmã é um ser humano terrível.

— Eu sei disso melhor que ninguém, ainda bem que Noah se livrou dela.

— Mas tem algo que me preocupa — murmuro pensativa.

— O quê?

— Faz quase um mês que não ouvimos falar de Suzane; o divórcio está prestes a sair e ela não deu sinal de vida.

— Ué, e por que isso te preocupa? Deveria ser bom sinal.

— E é, mas o silêncio dela me preocupa. Ela estava com muita raiva naquele dia, disse que preferia ver o Noah morto do que com outra mulher. Ela falou com tanta convicção que temo acontecer algo bem ruim em relação a ele.

— Gabi, não acho que Suzane seja louca o suficiente para tentar matar o Noah, ela o ama demais para fazer isso. — Ele coloca uma mecha do seu cabelo loiro para trás e coça a barba, pensativo. — Se bem que o que ela sente por ele parece ser qualquer coisa, menos amor.

— Acho que esse silêncio todo dela é algo bem ruim. — Flávio pega em minha mão e tenta me tranquilizar.

— Hoje é um dia especial para todos nessa fazenda, incluindo você, que vai passar essa data ao lado da pessoa que ama. — Fico surpresa com as suas palavras.

— Eu não posso afirmar tal sentimento; gosto muito dele, mas dizer que o amo é cedo demais. — Flávio revira seus olhos esverdeados.

— Olha, heterossexuais tem uma dificuldade enorme em admitir os sentimentos. Ontem falei a mesma coisa ao cowboy e ele disse quase o mesmo que você.

— Porque ele é cauteloso, assim como eu.

Estava tudo arrumado, a mesa do lado de fora com o banquete já posto e todos esperando a meia-noite para atacar; músicas variadas tocam, pessoas animadas espalhadas pelo jardim, conversando. Alguns funcionários da fazenda de Noah estão presentes, os demais optaram por passar com suas famílias em outras cidades.

Minha mãe e Albert é só chamego e sorrisos; Henrique, Flávio, Antônio, pai de Noah, e o próprio Noah conversam animadamente em um canto enquanto eu fico observando tudo. Sei que só estou cautelosamente olhando tudo, devido a conversa de mais cedo que tive com Flávio. O fato de Suzane ficar em silêncio me preocupa, e temo que ela possa fazer algo com alguém, em especial com o Noah.

— A festa está linda, Bernardo ficaria orgulhoso disso tudo — murmura Ilda ao se aproximar.

— As crianças vão ficar loucas quando virem os presentes que comprei, espero que gostem — digo animada.

— Com toda certeza vão gostar. — Observo as crianças brincarem com enormes sorrisos nos rostos, correndo de um lado para o outro, até que algo bem longe me chama a atenção. Alguma coisa se mexe em meio à escuridão das árvores, e mesmo sendo apenas um vulto, dá para ver que a direção em que essa coisa se aproxima é de uma das crianças, que corre para perto das árvores. Começo a caminhar na direção da criança, porém, quando percebo do que se trata, corro o mais rápido que posso.

— Menino, corre! — grito para ver se ele escuta, mas me olha confuso e a única coisa que me resta fazer é pular, o puxando comigo.

Todos ouviram quando gritei; a música parou quando nos viram no chão e o cavalo passar correndo feito um foguete e parar ao chegar na outra parte onde tem árvores. Todos se aproximam, preocupados.

— Filha! Meu Deus, vocês estão bem? — Minha mãe pergunta preocupada.

— Estamos sim — murmuro soltando o menino, mas eu não estou, acho que torci meu tornozelo.

— Gabi, você se machucou? — Noah se abaixa para me examinar.

— Acho que torci o tornozelo. Me preocupei quando vi o cavalo correndo na direção do menino e só tive tempo de pular para que algo pior não acontecesse. — Olho para o menino. — Você está bem? Se machucou?

— Não tia, obrigado. — Sorrio e acaricio seu rosto.

— Thiago, meu filho! — Uma moça puxa o menino para o seu colo.

— Ele está bem, pode ficar sossegada. — Tento tranquilizá-la.

— Obrigado, Gabriela. Se não fosse você, nosso filho teria se machucado muito. — Ulisses, o peão que me mostrou a fazenda quando cheguei aqui, agradece.

— Como esse cavalo saiu do estábulo? Pedi aos peões que se certificassem de deixar fechado — murmuro.

— E fechamos, checamos mais de uma vez hoje, antes de começar a montar tudo e um pouco antes da festa começar também — informa um dos peões.

— Preciso que um de vocês vá comigo até lá ver o que aconteceu. — Tento me levantar, disfarçando minha cara de dor, mas Noah logo percebe.

— Ei, o que houve?

— Não foi nada demais, agora vamos. — Quando firmo meu pé no chão, a dor é tanta que me faz tremer e quase cair no chão de novo, mas Noah me segura.

— Você não está bem e dá para ver que não consegue pôr o pé no chão, deve ter torcido.

— Isso não foi nada, eu preciso ver o que aconteceu, poderia ter ocorrido uma tragédia e eu tenho que averiguar. — Ele me segura no lugar.

— Gabriela, deixa de ser teimosa, precisa ver o que aconteceu com seu pé, deve ter machucado com a queda, vá para o quarto descansar — diz Henrique.

— Mas eu não...

— Seu irmão tem razão, Henrique e eu vamos com os peões ver o que houve para um dos cavalos se soltar e sair correndo assim — murmura Flávio, fazendo sinal para dois pões o seguirem.

— Ilda, vá com o Noah até o quarto de Gabriela e a examine, você é a mais indicada aqui para isso — pede Albert e ela concorda.

— Mas eu não quero estragar a festa, é um dia especial para todos. — Me sinto uma tola por ter me machucado.

— E graças a você uma tragédia não aconteceu. Pode ficar tranquila que não estragou a festa; vá ser examinada e depois desça para festejar conosco. — Bárbara, a moça que me apresentou aos funcionários, comenta.

— Albert e eu vamos ficar aqui e cuidar de tudo, querida — diz minha mãe.

Me assusto quando Noah me pega no colo.

— Não precisa disso tudo — falo um pouco envergonhada.

— Vamos, teimosa, examinar você.

— Pelo visto você torceu o pé, terá que o manter de repouso; posso preparar alguns remédios para ajudar a desinchar, com licença. — Ilda sai do quarto deixando Noah e eu sozinhos.

— Não se preocupe, eu levo você no colo até lá embaixo, mas terá que ficar sentada.

— Isso é uma droga! Um dia especial para todos e alguém estraga assim. — Noah me olha confuso.

— Alguém? Por que disse isso? — Solto uma respiração que mal sabia que prendia.

— Acho que não foi acidente o cavalo ter saído do estábulo, ainda mais correndo daquele jeito.

— E por que acha isso?

— O estábulo é muito bem fechado, os peões verificaram várias vezes antes, fora que aquele cavalo em especial não é de sair de lá. Alguém abriu o estábulo e fez algo para que ele saísse correndo, o animal parecia assustado. — Ele me olha confuso.

— Como sabe que esse cavalo não sai do estábulo?

— Ele era do meu pai e Ulisses disse que, desde que ele morreu, o cavalo não quis mais sair dali. Eu até chamei um veterinário para verificar o que estava acontecendo e o prognóstico foi que o bicho está com depressão. Assim como Ed era especial para o meu pai, meu pai era para Ed. Esse é o nome do cavalo. Não ter mais o dono o deixou triste e depressivo.

— Isso é bem ruim, mas então de fato é estranho ele ter saído daquele jeito. Quem acha que pode ter sido?

— Suzane.

— O quê? Não teria como, Suzane não perderia o tempo dela para vir aqui e fazer isso; ela odeia animais, não chegaria perto de um.

— Ou foi ela ou alguém a mando dela. — Somos interrompidos por batidas na porta e logo Flávio, Henrique e Ulisses entram no quarto.

— Mana, temos que te contar uma coisa. — Ulisses se aproxima e me mostra uma faca, suja de sangue.

— Onde acharam essa faca? Por que ela está coberta de sangue? — questiono preocupada.

— O cavalo está ferido, alguém entrou no estábulo e o machucou, deixou a porteira aberta e ele correu assustado. — Arregalo os meus olhos.

— Como ele está? — Noah pergunta.

— Alguns peões estão fazendo um curativo nele, mas aconselhamos chamar um veterinário pela manhã; o corte que ele levou foi grande e fundo. — Sinto meus olhos marejarem.

— Como essa porra foi acontecer? Eu quero que descubram quem fez isso com o cavalo! — digo alterada.

— Cunhada, fica calma, ficar assim não vai...

— Suzane vai me pagar por essa afronta — murmuro.

— Suzane? Como sabe que foi ela? — pergunta Henrique.

— Ninguém além dela faria isso. Ou ela fez com as próprias mãos ou mandou alguém fazer, e quando eu ver essa mulher na minha frente, vou dar a surrar que deveria ter dado na primeira vez em que ela entrou na minha fazenda!

CAPÍTULO 12



NOAH MONTEIRO

Haviam se passado dois dias e ainda não sabemos quem foi a pessoa que fez aquilo com o cavalo; por sorte ele está bem, mas por sentir muita dor não consegue levantar. Gabriela a toda hora vai ao estábulo e fica um tempo lá com ele. Eu a entendo, o bicho era especial para o pai dela e já sofria com a morte do dono; fazer isso com um animal tão indefeso é terrível.

Como ela não pode forçar muito o pé, o quarto dela está sendo no andar de baixo da casa; só anda com a ajuda de muletas e quando quer ir ao estábulo, alguém a leva. Nesses dois dias fiquei lá com ela, fazendo companhia, dormindo ao lado dela e por várias vezes Gabriela acordou no meio da noite com pesadelos. Isso que aconteceu a abalou bastante e, por mais que demonstre ao contrário, sei que por dentro ela está bem triste e mal com tudo isso.

Hoje vim até a minha fazenda ver como tudo está, aproveitei e chamei Albert, Henrique e Flávio para virem junto. Preciso conversar com eles sobre algo que descobri, mas não poderia falar na frente de Gabriela, está já está mal demais.

— Então, Noah, o que está acontecendo? — questiona meu pai, que ficou cuidando de tudo para mim enquanto estava na De Lins.

— Gabriela tinha razão, quem fez isso foi Suzane. — Flávio arregala os olhos.

— Como sabe? — pergunta Henrique.

— Ela me ligou hoje, perguntou se o cavalo estava morto e se tinha levado alguém com ele. — É duro demais admitir, mas Suzane enlouqueceu.

— Meu Deus, essa mulher é louca? Devemos denunciá-la — comenta meu pai, abismado.

— Eu fiz isso e já estão investigando, mas como não há provas, não podem prendê-la. A ligação foi rápida e nem deu para gravar, mas entrei em contato com a minha operadora para ver se, de alguma forma, eles têm algo que possa ajudar.

— Minha irmã de fato enlouqueceu, bem que a Gabriela tinha avisado. Conversamos mais cedo antes da festa, ela temia isso — diz Flávio.

— Eu não contei a ela ainda porque está bem abalada com tudo, não dorme durante a noite, tem pesadelos e está com tanta sede em cima de Suzane que poderia dar um jeito de ir até ela e quero evitar isso. Se essa mulher foi capaz desse atentado, pode ser de muito mais, não vou pôr a vida da Gabi em risco.

— Já ligou para os pais dessa maluca? — pergunta meu pai.

— Já e eles me xingaram, disseram que por minha culpa a filha deles está sofrendo e não acreditaram quando lhes disse isso.
— Vejo Flávio soltar uma respiração pesada.

— Meus pais nunca vão enxergar o monstro que criaram. —
Por mais afastado que ele esteja da família, sei como isso o afeta, afinal Suzane é irmã dele e Álvaro e Helena são seus pais.

— O que podemos fazer para não deixar que algo pior aconteça até termos provas para prender essa mulher? — questiona Henrique.

— Pensei em convocar todos os peões, não só da minha fazenda, mas da De Lins também e comunicar do ocorrido, montar uma equipe de segurança para as duas fazendas e, se preciso, armá-los e contratar alguns seguranças particulares para se infiltrarem entre os peões. Mas Gabriela não pode saber. —
Henrique ri.

— Boa sorte, Gabriela fareja as coisas de longe. Vai ser difícil esconder algo assim dela, ainda mais quando tiver peões que ela não conhece no meio. Se minha irmã descobrir, vai nos matar.

— Eu sei disso, mas prefiro assim a deixar que ela aja igual uma louca e vá enfrentar Suzane cara a cara. Vocês vão até a fazenda De Lins e conversem com os peões, mas sem deixar outras pessoas saberem; eu e meu pai vamos fazer o mesmo aqui.

Não vou deixar que Suzane estrague a minha felicidade novamente.

A festa de Ano Novo havia passado, estávamos na primeira semana de janeiro e o esquema com os peões corria em sigilo; Gabriela chegou a perguntar alguma coisa sobre, mas eu desconversei. É claro que ela não acreditou, mas fingiu deixar para lá.

Hoje vamos até o terreno onde está sendo construída a escola; isso deixou Gabriela animada e feliz. Assim como eu, ela está ansiosa para ver esse projeto se tornar realidade.

— Sabe, estou louca para ver as crianças na escola, aprendendo e tendo tudo ao seu alcance para assim terem boas profissões — comenta com seu corpo nu em cima do meu. Hoje viemos dormir na minha fazenda; como ela ainda não a tinha conhecido, eu fiz questão de trazê-la e fiz um *tour* que terminou em cima da minha cama.

— Eu também estou. Acredito que até abril tudo esteja pronto, ou até a colheita — comento.

— Noah, por que colocou pessoas infiltradas no meio dos meus peões? — Essa foi bem direta.

— Não sei do que está falando...

— Eu ameacei um deles. — Arregalo os olhos.

— O quê? Por que fez isso?

— Já disse que posso ser pior quando quero, agora me diga.
— Porra de mulher difícil.

— Foi a Suzane que fez tudo. Ela me ligou dias depois do ocorrido, perguntando se o cavalo tinha morrido e levado alguém junto, mas já estou cuidando de tudo para que ela seja presa.

— Ok, e por que eu estou sendo mantida no escuro? — Ela parece zangada.

— Porque você já estava mal demais com tudo, se soubesse disso poderia dar uma de doida e ir atrás dela. — Ela ri.

— Que bom que me conhece bem. Agora, com licença. — Ela ameaça levantar, mas eu a seguro.

— Aonde vai?

— Matar sua ex-mulher com as minhas mãos. — Novamente ela tenta levantar, mas a seguro no lugar.

— Olha, Suzane é mais perigosa do que pensei, tenho medo do que ela possa fazer a você.

— Ela não me conhece. Já disse que posso ser duas vezes pior que ela, e eu vou arrancar os olhos daquela vagabunda com as minhas mãos.

— Em primeiro lugar, ainda está com o pé ruim, não ia conseguir descer as escadas sem ajuda, e segundo, não vou deixar que saia daqui. — O olhar que ela me lança é bem intimidador.

— Você não vai deixar? Escute aqui, meu bem, eu faço o que quiser e quando quiser. Nenhum homem tem o direito de achar que pode me impedir de algo.

— E se for um homem que a ama demais? — Vejo a raiva se desfazer de seu rosto aos poucos.

— O que disse? — Sua voz é suave e bem surpresa com as minhas palavras.

— Eu amo você e nunca me perdoaria se algo de ruim te acontecesse por minha causa. — Levo minha mão ao seu rosto para acariciá-lo.

— Mas você disse que...

— Eu menti. Tive medo de te assustar, mas acho que o que sempre senti por você, desde a primeira vez que nos vimos, foi amor. — Vejo as lágrimas brotarem de seus olhos.

— Assim você me desarma, cowboy. — A puxo para mais perto e a beijo.

Sua mão acaricia meu rosto, minha boca devora a sua sentindo a textura gostosa de seus lábios. Inverto as posições, ficando por cima dela sem deixar que nossos lábios se afastem. Minhas mãos passeiam pelo seu corpo, apalpo seus seios e ela

geme com sua boca na minha. Devagar, abro suas pernas e me encaixo entre elas, sem pressa nenhuma entro em sua boceta, sentindo meu pau ficar ainda mais duro a cada centímetro que invade.

— Como eu amo essa boceta — murmuro. Gabriela leva suas mãos até a minha bunda e a aperta, faço movimentos lentos de vai e vem, sem pressa alguma de gozar.

Suas pernas enroscam na minha cintura, suas mãos vão para as minhas costas e sinto o momento em que me arranha; com certeza vai arder muito depois, mas estar dentro dela me faz esquecer qualquer coisa.

Aumento um pouco a velocidade e a força dos movimentos e ela geme ainda mais alto. Só em ouvir isso já me deixa perto de ejacular; ela rebola junto com os meus movimentos, deixando tudo ainda mais delicioso do que já está.

— Eu também te amo, Noah. Te amo demais, peão. — Sinto meu coração disparar ao ouvir isso, e em resposta me movo ainda mais rápido.

— Então goze no pau do seu peão, meu amor. — Foi o suficiente para que ela soltasse todo o seu prazer em meu pau, e enquanto ela goza, continuo a meter sem parar. Ela treme embaixo de mim, grita bem alto o meu nome e isso me deixa louco de tesão.

— Ah, Gabriela! — Gemo bem alto seu nome, me liberando dentro da sua boceta.

— Porra! Eu vou gozar de novo. — Ela grita; mesmo depois de gozar continuo a meter, e poucos segundos depois ela treme novamente, gozando mais uma vez.

Como eu amo essa mulher!

CAPÍTULO 13



GABRIELA CASTRO

UM MÊS DEPOIS

Meu pé já havia melhorado, posso pisar no chão sem medo. Voltei a dormir no meu quarto, na parte de cima da casa. Noah me convidou para jantarmos em um restaurante da cidade de Ouro Preto, hoje à noite. Vamos comemorar que o divórcio saiu a alguns dias. Noah, finalmente, é um homem livre.

O que me faz lembrar da vaca de Suzane. Pelo que Noah disse, até agora a polícia não tem algo certo que posso prendê-la, o que me deixa ainda preocupada; ter essa mulher solta por aí me faz temer a vida de todos nas duas fazendas.

— Está pronta? Chamei um amigo meu, que é cabeleireiro, ele já deve estar chegando — comunica Flávio ao entrar na sala de estar.

— Estou muito ansiosa. Será nosso primeiro encontro, quero que seja especial.

— Você já deu para ele, quer encontro melhor que esse? — Dou um tapinha em seu braço.

— É porque eu quero fazer um pedido a ele. — Flávio pisca várias vezes sem entender.

— Como assim?

— Eu vou pedir o Noah em namoro. — Ele me encara, surpreso.

— Você? Mas por quê?

— Não vejo mal algum em fazer isso. Sou uma mulher moderna e com bastante atitude, fora que sinto que nada mais me impede de chamá-lo de meu. Por que não oficializar? Noah foi o primeiro homem a me fazer ter tais pensamentos, deveria ser um evento histórico. — Flávio cai na gargalhada.

— Seu irmão estava certo, você é maluquinha. Acho que foi por isso que Noah se apaixonou por você.

— Acho que foi mais o meu chá de boceta que fez isso.

— Ai, eca! Eu não precisava saber disso.

— Está traumatizando o meu amorzinho, irmã? — indaga Henrique de forma zombeteira.

— Meu herói, me tire das garras dessa mundana. — Flávio se aproxima do meu irmão e beija rapidamente seus lábios.

— Eu vim avisar que o tal cabeleireiro chegou, pedi para ele subir para o seu quarto, já que está tudo pronto lá em cima para ele

te arrumar. — Me levanto do sofá, animada.

— Vejo vocês depois, não deixem Noah entrar. Eu quero que ele tenha uma surpresa ao me ver à noite. — Saio praticamente correndo para as escadas, bem ansiosa para ficar linda para ele.

Hoje vai ser especial, vai ser importante para nós dois.

NOAH MONTEIRO

Já está na hora; me comprometi em buscar Gabriela às oito da noite, em ponto, para o nosso jantar. Estou bem ansioso, pois não passamos a tarde juntos para que ela fizesse uma surpresa para mim. Pelo que Flávio comentou, um cabeleireiro viria cuidar não só do cabelo, mas da maquiagem dela também. Confesso que estou curioso para saber o resultado, mas Gabriela já é linda naturalmente.

Passo pelo hall e vou direto para a sala de estar, lá vejo Flávio e Henrique.

— Boa noite, pessoal. — Os cumprimento.

— Uau, está lindo, você e a Gabriela com certeza serão os mais lindos no restaurante. — Sorrio diante do elogio de Henrique.

Hoje estou menos peão, calça jeans escura, blusa de manga comprida azul-escura, sapato preto e sem meu famoso chapéu; fiz

minha barba, deixando-a bem aparada, cabelo cortado bem curtinho.

— Espero que sim, onde ela está?

— Quando subi mais cedo estava ocupada fazendo o cabelo, mas a essa hora já deve estar pronta — murmura Flávio.

— Noah, boa noite — cumprimenta Brenda e Albert dá um breve aceno com a cabeça.

— Flávio, acho melhor eu ir lá avisar a minha irmã que o Noah já chegou. Ela passou a tarde toda trancada naquele quarto, desceu para pegar um lanche e depois subiu em disparada lá para cima. — Henrique se levanta e sai da sala para chamá-la.

— Estou tão feliz por vocês dois, nunca vi minha filha tão empolgada ou feliz com alguém. Você é um santo milagroso.

— Na verdade eu que nunca fui tão feliz como estou sendo agora, ao lado dela. — Ela sorri emocionada.

— Que caixa é essa na sua mão, meu amigo? — questiona Flávio.

— É um anel, hoje pretendo pedi-la em namoro. — Vejo Brenda suspirar.

— Acho que vocês dois estão sincronizados — comenta.

— Como assim, Flávio?

— Ela disse que iria fazer a mesma coisa hoje, por isso essa arrumação toda. — Me surpreendo e logo estou sorrindo feito bobo.

Então ela quer tanto quanto eu.

— Henrique, querido, onde está Gabriela? — Flávio pergunta ao ver que ele desceu sozinho, mas a cara dele demonstra que algo aconteceu.

— Henrique? — Flávio o chama novamente.

— Ela não está lá.

— Como assim? O que está acontecendo? — pergunto preocupado.

— O quarto dela está vazio, não tem ninguém lá.

— Como não? Ela passou o dia lá em cima com o cabeleireiro! Se ela tivesse saído teríamos visto — Flávio afirma.

— Quem era esse cara que estava com ela? — questiono.

— É um amigo meu, tem um salão em Belo Horizonte; veio especialmente para arrumá-la a pedido meu.

— Chamem os peões — digo somente uma vez e, em minutos, os peões entram na sala de estar.

Alguma coisa está errada, e isso não é nada bom.

— Algum de vocês viu quando a Gabriela saiu da fazenda? — pergunta Albert.

— Dona Gabriela saiu com o tal cabeleireiro que o senhor Mendes chamou, ela disse que teriam de ir à cidade comprar materiais que faltavam. — Um deles comenta.

— A que horas foi isso? Ela parecia normal?

— Sim, senhor Monteiro. Eles saíram há pouco mais de duas horas no carro do moço, e ela parecia normal.

— Às vezes foi isso que ela foi fazer. — Brenda tenta amenizar. Pego meu celular e digito o número do telefone da Gabriela, mas só dá caixa postal.

— O celular está desligado ou sem sinal. — Começo a andar de um lado para o outro.

— Noah, fica calmo, às vezes só estamos nos preocupando à toa. — Flávio murmura.

— Tem alguma foto desse cara? — pergunto. Flávio pega o celular e abre a foto de perfil do cara. Tenho um baque enorme ao ver de quem se trata.

— Noah, vocês estão pálidos. O que houve? — indaga Henrique.

— Flávio, há quanto tempo conhece esse cara?

— Ele é um amigo meu da faculdade, o conheço há anos. Mas por que essa pergunta? O que está acontecendo?

— As fotos que o detetive particular tirou de Suzane com o amante; o tal cara, é ele. — Flávio arregala os olhos.

— O quê? Mas... O quê? Júlio é *gay*, não pode ser...

— Tão *gay* que comeu a sua irmã por um ano — ironizo.

— Meu Deus! E se esse homem veio a mando de Suzane? Não! Eles levaram a minha menina. — Brenda se desespera.

— Ilda! Traz um calmante! — grita Albert saindo da sala de estar.

— Liguem para a polícia. — Entrego o celular na mão de Flávio e me viro para sair.

— Noah, aonde você vai?

— Vou matar a Suzane!

CAPÍTULO 14



NOAH MONTEIRO

Pego a BR-356 e em tempo recorde já estava em Belo Horizonte. Henrique pediu para vir comigo para dar suporte e eu não neguei; assim como eu, ele está preocupado com o que pode ter acontecido.

— Aonde estamos indo? — questiona.

— À casa dos pais de Suzane, temos que começar por lá. Depois, no endereço desse tal Júlio — murmuro.

E não demora muito já estávamos em frente ao portão da mansão deles; como os seguranças me conhecem, deram passagem para entrar. Estaciono o carro bem na entrada e saio feito um foguete em direção à porta de entrada; sem mais nem menos entro na casa e começo a vagar pelos cômodos, buscando por algo.

Subo as escadas correndo e Henrique me ajuda a vasculhar cada quarto, até que...

— Noah, querido. Amor, estava te esperando.

Gabriela está amarrada em uma cadeira, com a boca amordaçada e com algumas feridas no rosto.

— Vadia! O que fez com a minha irmã?

— Cala a sua boca! Meu negócio não é com você, *viadinho*, e sim com ela e com ele.

— Onde estão seus pais?

— Mortos. — Arregalo meus olhos.

— Suzane, o que você fez? Porra! — Me desespero e ela sorri.

— Eles não aceitaram me ajudar, e quando atirei neles, Júlio se meteu e tive que matá-lo também. — Dou um passo para trás quando ela puxa a arma e aponta para a cabeça de Gabriela.

— Suzane, olha para mim, não faça isso. — Tento me aproximar, mas ela engatilha a arma.

— A história se repete de novo, e com a mesma maldita família.

— Do que está falando?

— Não sabe, querido? Sabe o Oswaldo, o primeiro filho de Olga e Bernardo? Então, meu amor, na verdade não era dele, e sim do seu papai. — Pisco meus olhos várias vezes, perplexo.

— O quê? Como assim?

— Homem burro, o motivo para o casamento de Olga e Bernardo ter chegado ao ponto que chegou foi que seu pai era amante dela, enquanto sua mãe ainda era viva. Eu soube disso

recentemente; enquanto minha mãe te xingava soltou isso, não me admira ela saber, afinal, Olga e ela eram melhores amigas.

Sinto um choque bem grande ao ouvir isso.

— Noah, esse não é o momento para ficar abalado, é isso que ela quer, te desestabilizar. — Henrique me tira do transe.

— Suzane, o que você quer? — pergunto, mas ainda muito surpreso e em choque com a revelação.

— Já que eu não posso ter você, achei melhor matar os dois, assim ao menos vou viver feliz em saber que ambos estão mortos.

— Como os seguranças não ouviram os disparos que deu?

— Usei um silenciador, acha que sou idiota?

— Sim, por estar fazendo algo que vai destruir a sua vida. — Ela ri.

— Você já a destruiu quando resolveu se separar de mim por culpa dessa sem sal. — Suzane continua com a arma apontada para a cabeça dela.

— Eu fujo com você. — Gabriela olha para mim assustada, e Suzane me encara.

— Como assim?

— Se deixar o Henrique soltar a irmã dele e os dois irem embora, eu fujo com você. Pegamos um carro e vamos para bem longe, pode até apontar a arma para mim. Se fizermos isso agora, vai dar tempo de sairmos daqui antes que os policiais cheguem. Flávio ligou para a polícia, que já deve estar a caminho. Vamos? Por favor.

— O que me garante que não vai tentar fazer nada?

— Pode vir até mim e me apontar a arma; assim que Henrique soltar a irmã dele saímos nós dois e eles ficam. — Vejo Gabriela sacudir a cabeça em negação frenéticas vezes.

Suzane abre o mais sombrio dos sorrisos e se aproxima, faço sinal para Henrique ir até Gabriela e ele vai.

— Vamos ficar juntos de novo, meu amor. Agora vamos. — Me aproximo de Suzane, fingindo que vou beijá-la; ela sorri feito uma boba, mas me aproveito do seu descuido e puxo a arma para mim.

— Filho da puta! Eu vou matar você! — Ela tenta se aproximar, mas aponto a arma para ela.

— Fica aí parada, e eu não vou ter pena de atirar em você.

Quando Henrique solta Gabriela, a primeira reação dela é abraçar o irmão; depois vem até mim.

— Como eu tive medo de algo acontecer com você — murmuro e ela tenta sorrir para me tranquilizar.

— Agora tudo vai ficar bem. — Me assusto quando Gabriela se afasta e vai para cima de Suzane. — Puta dos infernos, eu vou te arrebentar. — Gabi soca o rosto de Suzane em cheio e ela cai no chão.

— Vaca! Me solta! — Suzane grita. Gabriela senta em cima dela.

— Você quase matou um animal indefeso e uma criança, piranha! — Novamente ela acerta outro soco. — Se garante com a porra de uma arma, mas na mão não, não é mesmo? Loira de quinta!

— Já chega, irmã. — Henrique se aproxima para tirar Gabriela dali.

— Vocês vão me pagar por isso! — vocifera.

Logo ouvimos barulho de sirenes, os seguranças surgem e arregalam os olhos quando veem Suzane no chão.

— Senhora Mendes. — Um deles se aproxima, Suzane aproveita e puxa a arma dele. No momento em que ela mira em Gabriela, eu, que já estava com a arma apontada para Suzane, disparo bem no seu peito.

Olho por alguns segundos, assustado; nunca pensei que a minha história com Suzane fosse acabar dessa forma. Eu acabei de matar minha ex-mulher.

GABRIELA CASTRO

Depois de a polícia pegar nosso depoimento fui encaminhada para o hospital para cuidar dos ferimentos que aquela vaca me fez. Quando cheguei no meu quarto e vi quem era o tal cabeleireiro tomei um susto! Ele apontou a arma para mim e disse que teríamos uma hora ali dentro para fingir que estávamos fazendo algo, até mesmo tive que disfarçar quando descii para pegar qualquer coisa para comer.

Esse Júlio ameaçou atirar em qualquer um, caso eu fizesse escândalo, e eu não podia deixar. Mais tarde, ele me fez descer do meu quarto para irmos ao carro dele, precisei fingir que estava tudo bem e o filho da puta me trouxe para a casa dela.

Primeiro ela me bateu, e como estava com uma arma apontada para mim, não pude fazer nada. Júlio me amarrou. Os pais de Suzane apareceram e discutiram feio com ela, a vaca queria que eles a ajudassem a fugir depois de matar Noah e eu.

Eles foram para outro cômodo e lá ela os matou; Júlio discutiu com ela, a chamou de louca, Suzane não gostou e deu um tiro no rosto dele. Depois o arrastou para fora do quarto onde eu estava.

— Como nenhum empregado ouviu? — murmura Albert.

Estávamos todos no hospital, esperando o médico me dar alta. Levei um ponto na sobrancelha e reclamei de dores na barriga, já que Suzane me chutou quando caí no chão com a coronhada que me deu.

— Ela deu ordem para ninguém subir, e acho que por terem medo dela, obedeceram — respondo. — Cadê Henrique?

— Foi com o Flávio tomar um ar fresco, Flávio ficou muito abalado com tudo.

— Não é para menos, Suzane ficou louca — comenta Antônio.

— Noah, está tudo bem? — Ele se manteve quieto o tempo todo, acho que o fato de ter atirado em alguém o atingiu muito.

— Eu não queria que acabasse assim, me sinto culpado. Flávio agora não tem mais ninguém da família dele.

— Ele sabe que você não teve escolha e se os pais dele, infelizmente, morreram não foi sua culpa. Suzane já tinha feito merda demais. — Ele deita a cabeça me meu ombro e eu o acaricio.

— Pai, depois, quando chegarmos em casa, quero muito ter uma conversa séria com você. — Não sei como está a expressão de Noah para seu pai, mas só pelo tom de voz percebo que não é das melhores.

Ao menos ele agora vai poder conversar com o pai e esclarecer tudo.

— Senhorita Castro. — Noah se levanta e eu também.

— Sim, doutor? Já posso ir embora? — Só quero chegar em casa e tomar um banho, foi um dia muito louco e, por mais que odeie a Suzane, vê-la morrer diante dos meus olhos não foi nada bom.

— Sim, só assinar os papéis na recepção, mas aconselho a começar a fazer um pré-natal. — Pisco meus olhos várias vezes tentando absorver as palavras do médico.

— Oi? — Noah se adianta em falar algo.

— Parabéns, a senhorita está grávida.

CAPÍTULO 15



GABRIELA CASTRO

O enterro dos pais de Flávio é hoje; o de Suzane também, mas ele pediu para que ela fosse enterrada longe deles. Me dói vê-lo tão sério, tão abatido. Henrique está fazendo o que pode para dar suporte, mas vejo como meu irmão fica triste ao ver seu amado tão para baixo.

Não tive oportunidade para contar a Flávio ou a Henrique sobre a minha gravidez, e pedi para Brenda, Antônio, Noah e Albert que não falassem nada, pois não é o momento para isso.

Por falar em gravidez, eu e Noah ainda não tivemos tempo para assimilar. Eu tomava meus remédios certinho, não era para ter acontecido, quer dizer, ao menos não agora. Por outro lado, ter o fruto do nosso amor crescendo em meu ventre me deixa extasiada.

Sobre a conversa de Antônio e Noah, ela vai acontecer depois do enterro. Imagino como foi duro para ele descobrir algo assim, que seu irmão estava ali, morando ao lado, e se matou. Também o fato do seu pai ter traído a sua mãe e nunca ter revelado nada, muito menos que uma criança foi gerada.

Ao sair do meu quarto, vejo a porta do quarto de Henrique aberta e Flávio sozinho, sentado na cama, vestido de terno e gravata escuros e com um rabo de cavalo no cabelo loiro, de cabeça baixa. Dou batidas na porta, ele levanta a cabeça e me dói ver a tristeza em seus olhos esverdeados.

— Oi, meu cunhado favorito — brinco, e ele tenta abrir um sorriso.

— Sou seu único. — Me aproximo dele e me sento ao seu lado.

— Mas mesmo se tivesse outros, seria o meu melhor amigo e irmão. Eu quero saber como você está. Não tive a oportunidade de conversar direito com você depois do hospital. — Ele solta uma respiração pesada.

— Não vou mentir. Por mais que me rejeitassem, antes de saberem que sou *gay* eles eram pais maravilhosos comigo. E saber que antes de morrerem viram o monstro que Suzane se tornou, mas foi tarde demais para tentarem reparar o erro deles, dói bastante. Dói também saber as atrocidades que Suzane fez, todo o mal que ela praticou e tentou fazer é algo triste demais de saber. E eu fico imaginando a cabeça de Noah em relação a isso. Por mais que ele tenha feito aquilo para salvar a sua vida, a dele e também a do meu Henrique, ele atirou em alguém e, o conhecendo bem, isso vai marcar a vida dele para sempre. Noah sempre foi contra a violência, e ter que matar a mulher que foi sua esposa, vai ser bem difícil.

— Ele também ficou preocupado de você não o perdoar pelo que fez. — Flávio arregala os olhos.

— Que tipo de pessoa eu seria? Eu via como minha irmã era, soube e vi as coisas que fez e tentou fazer. Noah e você foram vítimas dela e, se não fosse por ele e Henrique, estariam mortos. — Ele pega na minha mão e posso ver as lágrimas em seus olhos. — Eu perdi uma família, mas ganhei outra tão maravilhosa! Se não fossem vocês eu desabaria. — Começo a chorar feito uma criança, ele me olha surpreso.

— Amiga, o que foi? Por que está assim?

— Eu estou tão feliz por você nos ver como sua família! Eu amo você como se fosse um irmão meu, e fico triste de te ver

passar por essa situação tão difícil. — Enxugo as lágrimas. — Mas acho que são os hormônios da gravidez que estão me deixando assim, mais emotiva que o normal. — Tampo a boca na mesma hora e Flávio me olha, chocado.

Caralho! Como eu sou burra.

— Gravidez? Como assim? Está grávida? — Esfrego o meu rosto sentindo o quão burra fui agora.

— Me desculpa, amigo, eu queria te contar isso um pouco mais para a frente, e nem mesmo Henrique sabe ainda. — Ele me dá um leve tapa no braço.

— Por que ia esconder essa coisa maravilhosa de mim? Meu Deus! Eu vou ter um sobrinho e você me esconde? Eu deveria te bater muito. Henrique vai ficar puto por não ter contado ainda, mas quando soube da gravidez?

— No hospital; pedi ao Noah, minha mãe e Albert que não dissessem nada.

— Não sabe como isso me deixa feliz, mas preocupado. Imagine se Suzane tivesse conseguido fazer o que queria? Noah foi um herói mais de uma vez. — Ele leva a mão até minha barriga.

— Noah e eu não tivemos tempo de assimilar isso, foi bem surpreendente para nós. Eu sempre tomava meus remédios no tempo certo, me cuidava bastante... Não esperava ter um filho agora, nem somos namorados ainda.

— Ué, ter um bebê não quer dizer que devem apressar as coisas. Óbvio que irão se casar, mas não precisa ser agora, podem fazer isso depois, quando o bebê nascer ou quando achar que estão preparados. — Balanço a cabeça, concordando.

Somos interrompidos quando Henrique entra no quarto.

— Os carros que vão levar todos a Belo Horizonte estão prontos. Alguns empregados pediram para ir para mostrar apoio, então tive que providenciar mais veículos. — Meu irmão se aproxima dele e dá um beijo em sua testa. — Como está, amor?

— Apesar de tudo um pouco feliz. — Henrique olha confuso para ele.

— Como assim?

— Nós vamos ser tios — comenta olhando para mim com um sorriso no rosto.

— O quê? Está grávida, irmã? — Balanço a cabeça emocionada. Henrique me tira da cama e me pega no colo, gira comigo feito um bobo, todo animado, e a felicidade dele anima não só a mim, mas ao Flávio também.

— Não só vão ser tios, mas padrinhos do bebê. — Vejo Flávio chorar emocionado.

Fui uma boba, contar isso para eles os deixou melhores e eu agora estou ainda mais feliz por vê-los tão animados com a novidade.

É Gabriela, você vai ser mamãe.

NOAH MONTEIRO

Depois do enterro dos pais de Flávio foi a vez do sepultamento de Suzane e eu não quis estar lá, não me sentia no direito de estar ali. Me despedi de todos e vim para a fazenda. Meu pai resolveu me fazer companhia e veio comigo; no caminho até Ouro Preto eu não conseguia conversar com o meu pai como antes. Antônio abria a boca para falar dez coisas e eu respondia somente com uma, isso o fez perceber que algo havia acontecido.

Sempre fui um cara que preza os valores de uma família e confesso que me senti liberto quando descobri as traições de Suzane, mas meu pai não tinha esse direito. Minha mãe sempre o respeitou e o amou como ninguém e eu não me conformo com isso.

Ao chegarmos na fazenda, caminho direto para o meu escritório; meu pai entende o recado e me segue. Assim que entramos ele fecha a porta.

— Então, Noah, pode me dizer o que está acontecendo? — Ele me encara com seus olhos azuis.

— Quando iria me contar que teve um filho com Olga De Lins? — Meu pai arregala os olhos e o vejo ficar pálido.

— O quê? Quem...

— Não importa como eu sei, e sim o porquê escondeu isso de mim, pai. Minha mãe sempre o amou e o respeitou, foi uma mãe e esposa perfeita, mas você, mesmo tendo a melhor das mulheres ao seu lado, traiu a confiança que minha mãe tinha em você. — Antônio leva as mãos ao rosto e solta uma respiração pesada.

— Eu estava em um bar, bebendo com alguns amigos; eles foram embora e eu estava na última cerveja quando a Olga chegou, dizendo que queria beber até não se lembrar mais de nada, me aproximei e a cumprimentei. Falamos sobre tudo, bebemos demais. Olga estava reclamando que o marido não tinha tempo para ela e eu disse que ele só estava tentando lhe dar um bom futuro. Depois de um tempo acabamos nos beijando, de lá fomos a um motel e aconteceu. Foi só uma vez e juramos nunca contar a ninguém, pois foi um deslize que jamais deveria ter acontecido.

— Mas aí o Oswaldo veio, não é? Estragou toda a mentira de vocês. — O vejo engolir em seco.

— Quando Olga apareceu grávida eu a questionei, ela me garantiu que o filho era de Bernardo, mas se tivesse me dito isso

antes, eu teria assumido a minha responsabilidade. Eu só soube que ele era meu filho no dia do seu enterro, aquilo me corroeu por dentro.

— Minha mãe morreu antes do Oswaldo falecer. Ao menos, quando descobriu, deveria ter me contado. — Seco as minhas lágrimas. — E pensar que aquele menino com quem eu brincava todos os dias na cachoeira, que eu ia na casa dele e ele vinha aqui às vezes, e depois eu estava lá, no enterro... Era meu irmão.

— Me perdoa, meu filho. — Ele chora.

— Não é a mim que deve pedir perdão. Agora entendo toda essa dor que você sentiu quando a minha mãe morreu... As bebedeiras e apostas ficaram piores depois da morte do Oswaldo, era remorso! — acuso.

— Maria foi a mulher que nunca terei em minha vida novamente, não sabe como me senti culpado por a ter traído.

— Eu acredito no seu arrependimento, só não entendo os segredos. Eu assumi uma dívida que não era minha em nome da fazenda da família, me casei com uma mulher que eu não amava, uma mulher obcecada por mim, e para salvar pessoas que me são importantes tive que atirar nela. Tem noção do que a minha vida se tornou? — A tristeza em seu rosto é evidente.

— Eu vou entender se você me odiar. — Me aproximo dele.

— Eu nunca te odiaria. Eu te amo, pai, mas não deveria ter ocultado isso de mim.

— Eu sei, mas acho que eu mesmo nunca vou conseguir me perdoar.

— Pai, me promete não haver mais segredos entre nós?

— Claro meu filho, sem mais segredos.

CAPÍTULO 16



GABRIELA CASTRO

UM MÊS DEPOIS

Ao entrar na minha antiga casa, diversas lembranças me atingem em cheio. De tudo que vivi com a minha família aqui e toda a minha trajetória. Noah e eu havíamos viajado para o Rio de Janeiro acertar a minha demissão. Achei melhor fazer tudo pessoalmente e assim poder me despedir não só dos meus colegas de trabalho, mas dos meus queridos alunos.

— Voltar aqui me traz nostalgia — murmuro, sinto os braços de Noah em volta da cintura, logo seu peitoral largo encosta em minha cabeça.

— Eu imagino, você teve dias felizes aqui com a Brenda, Henrique e o seu pai, Cristiano, não é?

— Sim, acho que ele sentiria orgulho das pessoas que nos tornamos. — Me viro e jogo meus braços por cima de seus ombros. — Sei que está acostumado com luxo e ter pessoas lhe servindo, mas se contentaria em ficar alguns dias com uma ex-moradora da Baixada Fluminense fazendo sua comida? — Ele ri.

— Tudo que tenha você, para mim é especial. — Beija meus lábios.

— Temos um tempo, até as duas horas da tarde, e a escola não fica tão longe daqui; podemos fazer algo até lá. — Noah abre o mais belo dos sorrisos.

— Sabe que tem que descansar e se alimentar? Lembre-se que está grávida — Reviro os olhos.

— Mas eu quero sexo! — Ele cai na gargalhada.

— Ultimamente seu apetite sexual aumentou bastante, mas não podemos fazer de qualquer jeito, pode machucar o bebê. — Sem avisá-lo o empurro no sofá, coloco as pernas em volta de seus quadris, levanto a barra do meu vestido, deixando a calcinha exposta, e encaixo a minha boceta bem perto do seu pau. Faço lentos movimentos em cima dele, que me encara com extremo tesão.

— Eu quero gozar no seu pau, agora! — Ele acaricia meu rosto.

— Como você é safada e mandona. — Abro um sorriso, me abaixo perto do seu ouvido e sussurro.

— E você vai obedecer, meu peão. — Noah me surpreende ao puxar meu cabelo para trás com força, passa seus lábios por meu pescoço e diz:

— Seu desejo é uma ordem.

Ele se levanta comigo em seu colo, me coloca sentada no sofá, abaixa as suas calças junto com a cueca e mordo meus lábios, que salivam para estar com a boca ali. Ele percebe e então se aproxima, leva sua mão ao meu rosto e fala.

— Chupe até se lambuzar.

Oh tesão da porra!

Passo minha língua pela extremidade da cabeça do seu pau, olhando para os seus olhos, desço lentamente até chegar no saco, passo minha língua ali, dou uma chupada de leve e ele estremece. Volto para a ponta do seu membro, com a língua passeando por cada centímetro do seu delicioso pau.

Devagar, enfio seu pau em minha boca, sugando-o ao mesmo tempo, ele geme baixo e volto a repetir o mesmo movimento várias vezes, mas ainda lentamente para deixá-lo extasiado. Vejo o desespero dele quando sugo com força a cabeça do seu pau. Sorrio com sua expressão de “me deixa gozar”. Para a felicidade dele, quero sentir logo seu leitinho na minha boca, então repito os movimentos, só que desta vez mais rápido; suas mãos vão até meu cabelo e o segura para não atrapalhar meu ato.

— Gabi... Vou gozar. — Não digo nada, só continuo. Seu pau fica mais rígido e começa a pulsar ainda mais; quando ele finalmente se libera em minha boca, continuo a chupar com vontade, ele estremece todo e sinto seu gozo vazar pelo canto da minha boca. Noah grita e geme meu nome, o que me deixa ainda mais excitada.

Quando ele se afasta, passo minha língua no canto da boca para pegar o que tinha vazado, ele sorri ao me ver fazendo isso.

— Como você é gostosa! — Me assusto quando ele me pega no colo e encaixa seu pau dentro da minha boceta de uma vez. — Agora é minha vez de te comer e do meu pau ter todo o seu orgasmo em cima dele.

Ai porra! Assim que eu gosto.

Estamos na sala de reuniões, é hora do intervalo e aproveitaram para chamar alguns dos meus colegas de trabalho para se despedirem de mim. Noah senta ao meu lado e segura a minha mão.

— É uma pena não a ter mais na nossa escola, é uma das mais queridas não só pelos alunos, mas para nós também — murmura Catarina, uma das professoras.

— Nós soubemos do seu sequestro; aquela mulher era louca, matou os próprios pais, mas graças a Deus você está viva. Ficamos felizes também de saber que vai ser mãe. — Evilane, a diretora, comenta.

O ocorrido com Suzane se espalhou não só em Minas, mas pelo Brasil todo. Alguns detalhes foram deixados ocultos, como a pessoa que atirou em Suzane. A polícia decidiu manter isso apenas sob conhecimento deles para assim evitar transtornos. Nos jornais e na nota oficial da polícia foi dito que Suzane morreu ao se negar a se entregar e tentar atirar em mim; para que nada pior acontecesse, a polícia teve que agir.

— Sua ex-esposa era uma louca, como conseguiu viver com ela? — Vânia, a inspetora da escola, questiona e vejo Noah ficar um pouco desconfortável.

— Gente, não vamos assustar o moço. Ele, assim como a Gabi, passaram por coisas horríveis e acredito que tudo que querem no momento é esquecer o que passaram. — Evilane intercede e eu a agradeço mentalmente.

— Estamos com um projeto de abrir uma escola lá em Minas para ajudar não só os filhos dos funcionários das fazendas, mas alguns peões e empregados que mal sabem ler e escrever. Com a influência dos nossos sobrenomes, conseguimos bons patrocinadores, em especial o governador de Minas Gerais e o prefeito de Ouro Preto. — Todos nos olham, surpresos.

— Que chique! Ela está toda importante agora, e ficamos felizes por essa conquista. Todos sabemos que esse era seu maior sonho e agora, tendo a verba suficiente, vai poder fazer isso. — Ana Beatriz, outra professora, afirma.

— E quando será o casamento? — pergunta Eduardo, outro professor.

— Ainda não decidimos, talvez seja após o nascimento do bebê. Fiquem cientes que serão convidados; as fazendas são grandes o bastante para todos, vocês vão amar — murmuro.

— Olha Gabi, mas que inveja. Além de ter pais adotivos maravilhosos, teve pais que te amaram de verdade e te deixaram bem de vida, fora que agora vai ter um marido gostoso desse ao seu lado. — Caio na gargalhada com as palavras de Jordânia, outra inspetora. — Desculpa falar assim dele, mas estou em uma seca tão ferrada, que estou até pensando em ir à Minas... Vai que encontro um mineiro gostoso por lá. — Catarina dá um tapa no braço dela. — Ai! Eu fui sincera.

— Deixa de ser safada — repreende ela.

— Ivan que vai ficar bem tristonho, ele tinha esperanças — murmura Evandro, outro inspetor.

— Como assim? — questiono.

— Ele sempre foi gamado em você, acho que só era a única que não via. — Fico surpresa com essa revelação.

E parece até invocação! Ivan entra na sala e o vejo sorrir ao me ver, fico sem reação quando ele vem me abraçar. Olho para Noah, que o fuzila com o olhar.

— Gabi! Quando soube que estava de volta não pude resistir em vir aqui. Estava com tanta saudade... — Vejo o sorriso dele se

desfazer quando Noah fica em pé e coloca a mão em meu ombro; eu nem sequer vi a hora em que ele se levantou.

— Ivan, esse é o namorado da Gabriela, Noah Monteiro. — Ana Paula diz e parece que deu um banho de água fria nele.

— Namorado? Como assim?

— Eu e o Noah vamos ter um filho e nos casar depois do nascimento do bebê. — Eu nunca soube dos sentimentos de Ivan por mim, se soubesse jamais teria saído com ele. Aposto que as saídas que dávamos alimentava os seus sentimentos por mim e agora me sinto uma pessoa horrível.

— Você saiu daqui do Rio para ver as coisas do seu pai verdadeiro, mas me disse que voltaria depois.

— Sim, Ivan, mas muita coisa mudou, se você viu os jornais...

— Eu vi. A ex-esposa desse cara quase te matou e você vai casar com ele? — Posso ver a raiva no seu olhar.

— Ivan, por favor, sabe que o tipo de relação que tínhamos era casual, nunca prometi nada a você, sempre fui sincera. — Ele ri.

— Eu amo você, sempre amei e achava que, tendo algumas migalhas, algum dia iria me amar também. — Posso ver as lágrimas em seus olhos.

O que eu fiz?

— Se eu soubesse dos seus sentimentos não teria me envolvido, justamente para evitar isso. Tenho um carinho enorme por você, mas sempre deixei claro tudo, jamais menti. — Pego em suas mãos.

— Eu sei, mas achava que com o tempo você me amaria.

— Ivan... — Fico sem saber o que dizer.

Ele olha para Noah, que se mantém sério, e então sai da sala, sem deixar que ninguém diga mais nada.

— Eu vou atrás dele — diz Evilane.

— Acham que eu...

— Não, Gabi, nesse momento não dá para conversar com ele. Ivan sabe que fantasiou demais, logo vai perceber a realidade. Agora vamos ver seus alunos, os reuni em um sala para você conversar com todos de uma vez.

— Olha, já era de se esperar que Gabriela Castro era uma arrasadora de corações — murmura Noah; estamos deitados na cama, prestes a dormir.

— Eu me senti mal em vê-lo daquele jeito, mas nunca percebi que ele tinha sentimentos por mim. Ivan comia todo mundo que lhe desse mole!

— Acho que é inevitável não se apaixonar por você. — Enrosca seus braços em minha cintura e me puxa para ficar de conchinha.

— Eu amo você, Noah — murmuro, sinto sua boca encostar em meu ombro e beijar.

— Eu também te amo, Gabi.

CAPÍTULO 17



GABRIELA CASTRO

ALGUNS MESES DEPOIS

Hoje é a colheita do café, mas devido ao sol forte, não pude acompanhar de perto por conta da gravidez. Noah se certificou de ir até lá conferir tudo.

Muitas coisas mudaram de uns meses para cá. Noah e eu marcamos a data do casamento para depois do nascimento do nosso Bernardo e da nossa Paola. Sim, eu vou ter gêmeos e resolvemos homenagear os meus pais. Noah quase teve um treco quando o médico revelou e eu então! Além de ser mãe de primeira viagem vou ter que parir dois de uma vez só! Porém, estou ansiosa para ter minhas preciosidades aqui comigo.

Algo que também foi decidido é que as duas fazendas seriam uma única propriedade e agora se chama De Lins Monteiro. Eu e meu Noah vamos viver na fazenda dele e minha família aqui, na minha. Todos concordaram que vamos precisar de privacidade, ainda mais depois do nascimento dos nossos filhos. Ilda se prontificou em ir morar conosco para nos ajudar com as crianças e o pai de Noah disse que moraria na minha fazenda; mesmo a gente insistindo, dizendo que não havia problema algum em ele continuar com a gente, Antônio disse que já estava na hora de deixar seu menino viver sua vida com a sua família, fora que ele afirmou que vai ser bom viver em uma casa com muita gente.

Hoje também vai ser a inauguração da nossa escola e estou ansiosa, vamos ao centro de Ouro Preto assim que Noah voltar.

— Posso entrar? — Albert dá leves batidas na porta do meu quarto.

— Claro, Albert. Como vão as coisas na fábrica? — Me encosto na cabeceira.

— Maravilhosas, os lucros aumentaram ainda mais quando foi anunciado esse projeto e o casamento de vocês, mas não foi sobre isso que vim falar com você. — O encaro, confusa.

— Sobre o que é então? — Ele me estende um envelope e logo minha confusão some ao ver o nome do meu pai escrito ali.

— Chegou o grande dia. Vou deixá-la sozinha para que tenha privacidade.

De: Bernardo De Lins

Para: Gabriela Castro

Olá filha. É, eu sei como é estranho ter alguém do nada que não seja seu pai adotivo te chamando de filha, mas cá estou eu, por meio desta carta, tentando me comunicar com você. Sinto muito não ter tido saúde suficiente para te dizer essas palavras pessoalmente, mas aconteceram tantas coisas na vida do papai... Uma das piores foi saber que sua mãe havia morrido de um jeito tão terrível e que você, por não ter ninguém, acabou em um orfanato. Talvez eu me encontre com a sua mãe, e nós dois vamos poder ser felizes.

Eu amei a sua mãe até meu último suspiro, assim como amei você ao descobrir da sua existência. Queria ter tido mais tempo com você, mas infelizmente não pude. Orlando e Oswaldo sempre quiseram ter uma irmã, diziam que fazia falta, e tenho certeza que eles amariam você.

Me perdoe não ter sido um pai presente, por não estar ao seu lado quando mais precisou de amparo. Eu sofri tanto quando soube que a minha menininha ficou sozinha no mundo, tão nova. Mas, por

sorte, você achou pessoas importantes, pessoas que devem te amar muito. Eu procurei sobre a sua vida, descobri que é uma professora. Sabia que essa era a profissão que sua mãe queria seguir? Ela amava ensinar! Eu lembro dela tentando ensinar as crianças e os peões da fazenda a ler e a escrever; isso me fascinava, e saber que você exerce essa profissão me deixou tão feliz! Acredito que sua mãe deve se orgulhar muito disso.

Como eu queria te dar um abraço, te chamar de filha, ter o prazer de ouvi-la me chamando de pai, te contar várias histórias da sua mãe, mas parece que o destino não quis assim.

Escolhi a época da colheita para te darem essa carta porque descobri que cai no mês do seu aniversário, ou o mais próximo dele, e achei que essa carta seria o melhor presente, espero que tenha gostado.

Feliz aniversário, minha filha. Saiba que eu e sua mãe sempre vamos estar olhando por você, seja de onde for. Te amo.

Assinado, papai.

Tento manter minha respiração calma, mas é impossível. A cada palavra que lia desta carta eu me debulhava em lágrimas. E saber que ele conhecia a data do meu aniversário me deixou ainda mais feliz. Deus, como eu queria tê-los conhecido, como eu queria ter tido o prazer de ao menos conversar com eles, nem que fosse uma única vez, mas sei que é impossível.

— Obrigada, pai, eu também te amo.

Olho toda a fachada em cores que vão do azul, verde e roxo ao vermelho e rosa, cores vibrantes e alegres. O nome Escola De Lins Castro Monteiro brilha na fachada, deixando tudo ainda mais belo. Depois que a fita de inauguração foi cortada, o governador de Minas e o prefeito de Ouro Preto vieram nos cumprimentar pelo

projeto fantástico e nos contaram que haviam conseguido verbas para abrir uma escola igual em outras duas cidades. É claro que estou feliz, também dissemos que teriam o nosso apoio e verbas extras para outras coisas das escolas.

A escola é equipada com mais de vinte e cinco salas, sendo cinco para alunos em alfabetização, outras cinco para cursos como inglês, espanhol, francês e informática, entre outros, e o turno da noite para adultos. Dez salas foram separadas para as turmas que vão da alfabetização ao último ano do ensino médio, em diferentes turnos. Nas demais foram feitas a diretoria, sala de reuniões, dois refeitórios, espaço para natação, aulas de dança e artes marciais, teatro, auditório, laboratórios, cozinha e quadra fechada para os dias chuvosos.

— Isso parece até escola de gente rica — murmura minha mãe ao ver tudo.

— Pode até parecer, mas é de livre acesso para todos, sem custo nenhum. A única coisa que devem fazer é se dedicarem às aulas e terem o futuro que tanto almejam — falo, bastante animada.

— Parabéns, amor, você conseguiu realizar o seu sonho — murmura Noah.

— Isso tudo graças a você, obrigada por fazer parte da minha vida, Noah Monteiro.

— Gabi não chora, senão vai borrar a merda da maquiagem, vaca! — diz Flávio ao ajudar a ajeitar meu vestido.

— Não seja tão chato, hoje é meu dia e eu posso tudo. — Ele me mostra o dedo do meio.

— Nossa, que bicha insensível — murmura Catarina. Todas as minhas ex-colegas de trabalho estão aqui para o meu casamento,

que será no jardim da fazenda onde eu morava. Eu e Noah decidimos não viajar na lua de mel, já que agora temos dois recém-nascidos para cuidar e não queremos nos afastar dos nossos filhos.

— Ah, concordo com o Flávio, Cata; ela vai borrar a maquiagem que nos esforçamos tanto para fazer e ficou tão perfeita! — salienta Ana Beatriz.

— Gente, eu estou uma pilha de nervos. Já viram o gostoso que é meu futuro marido? Tenho que estar à altura dele quando estiver naquele altar. Aquele homem fica bonito vestido até mesmo como mendigo.

— Não seja dramática, minha filha, você é a noiva mais linda que já vi e seu noivo vai amar quando te ver. — Minha mãe fala, tentando me consolar.

— Como eu estou? — Me viro para todos me olharem.

— Está parecendo uma princesa — diz Evilane.

— Concordo, Noah vai adorar — complementa Ana Paula.

NOAH MONTEIRO

Observo Gabriela caminhar até o altar e tenho que me segurar para não cair em lágrimas. Além de linda, ela parece tão radiante e feliz que transborda e me deixa emocionado. A cada passo que ela dá me faz lembrar de tudo que passamos para chegar aqui. Olho rapidamente em volta e vejo a quantidade de gente que nosso amor trouxe até a fazenda, e duas pessoinhas que estão no colo de Ilda e de meu pai.

Jamais achei que chegaria a ser tão feliz como agora. Sempre acreditei que estava fadado a viver infeliz, em um casamento sem amor ou carinho algum; aí vem o destino e me faz uma surpresa

dessas, mostrando que sim, ainda dá para ser feliz e a minha felicidade está aqui, neste momento, bem na minha frente, com os olhos marejados e um sorriso de orelha a orelha.

Eu sou o homem mais sortudo do mundo.

E pensar que o proibido seria a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha vida!

PRÓXIMO LIVRO

CLAUS - TRILOGIA AMORES PROIBIDOS - LIVRO 3

A Dinamarca está em festa, hoje assumo como rei do país. Meu pai faleceu há três meses e por mais que todos estejam em festa, eu não estou; perdi meu herói e isso me dói até a alma, mas tenho que abrir um sorriso falso e saudar todos da varanda do Palácio Amalienborg, na cidade de Copenhagen. O anúncio foi feito no Palácio de Christiansborg, mas para continuar com o teatro de menino feliz estou aqui, na varanda da minha casa, vestido com um uniforme militar com o brasão do país e diversas medalhas, uma coroa de marfim, ouro e pedras preciosas na cabeça, um cetro com o mesmo material na minha mão esquerda e uma esfera do mesmo material na direita; na minha cintura está a espada real que foi usada nas coroações e enterros de reis e rainhas da Dinamarca

— Todos saúdem a Sua Majestade, o Rei Claus Asger Ragnhild Bennedsen de Greisen III. — Toda a multidão vai à loucura quando o arcebispo termina sua fala.

Quero que acabe logo isso.

TRÊS ANOS DEPOIS

Bebo meu copo de uísque como se fosse água, observo todos ali presentes, reis, rainhas e príncipes de países da Europa no salão do Palácio; tudo isso é um tédio, mas como único herdeiro do meu pai, tive que assumir a coroa. Até gosto do lado onde eu ajudo as pessoas, participo de programas sociais com o povo dinamarquês, mas essas festas... Nada disso aqui sou eu.

— Parece entediado — murmura meu primo, duque de Augustenborg, e meu amigo.

— Sabe que assumir a coroa não estava nos meus planos, pelo menos não agora; meu pai morreu muito cedo — murmuro.

— Pobre rei Asger, nem chegou aos sessenta anos e o câncer o levou, mas amigo, infelizmente essa é a vida de nós, nobres; chega um dia que temos de assumir responsabilidades.

— Vou tomar um ar, depois nos falamos. — Caminho para fora do salão, indo o mais longe possível das pessoas. Chegando ao corredor que leva à saída dos fundos do Palácio, me surpreendo ao ver uma moça sentada no chão e chorando bastante. Preocupado, me aproximo.

— Senhorita, tudo bem?

— Me deixa sozinha, por favor, quero me afogar na minha vida inútil. — Ela usa um uniforme como as funcionárias que estavam servindo no salão.

— Olha, acho que aqui não é o melhor lugar para isso, algum dos seus superiores pode ver e demiti-la. — Ela ri, ainda sem me olhar.

— Eu já fui demitida... Só porque disse que tinha de ir embora mais cedo para ficar com o meu irmão.

— Mas isso é errado. Não há mal nenhum em querer sair mais cedo para ficar com algum familiar, vou falar com a sua supervisora. — Ela vira seu rosto para mim, determinada a dar alguma resposta, mas para ao ver quem eu sou. — Sua Majestade, me perdoe.... Eu...

— Tudo bem, não tem porque se desculpar. — Observo seu rosto e fico surpreso com tanta beleza; olhos azuis como o céu, pele branca, cabelo escuro e longo, lábios carnudos, parece uma boneca.

Ao se levantar do chão, foi inevitável não olhar mais, ela é bem baixinha, corpo curvilíneo, diferente dos padrões que a sociedade pinta.

— Eu tenho que ir embora; me desculpe, Sua Majestade. — Quando ela se vira para sair, percebo algo que me deixa ainda mais surpreso.

Ela tem uma deficiência na perna esquerda.

— Ei, espere. — Ela para e me olha. — Acha que está tudo bem? Quer dizer... Você está...

— Sou assim desde pequena, Sua Majestade, já estou acostumada. — Abre um sorriso fraco.

Desde pequena? Mas isso parece ser horrível!

— Eu vou com você até a sua supervisora. — Ela arregala os olhos.

— Não! Por favor, ela é a única pessoa que conheço que me arruma algum trabalho, preciso disso para me sustentar.

Como a vida dessa moça é miserável.

— Poderia trabalhar no Palácio. — Ela arregala os olhos.

— O quê?

— Sempre precisamos de empregados, poderia colocá-la para trabalhar aqui. — Por que eu estou fazendo isso? — Qual o seu nome?

— Charlotte.

— Prazer, me chamo Claus, sou o Rei da Dinamarca.

